



José de Calasanz

Espiritualidade e Carisma

1. Objetivo desta reflexão

1. Tentar uma aproximação à radical experiência de fé vivida por Calasanz, como ponto de partida para um processo transformador que foi vivido ao longo de muitos anos, até sua morte.
2. Contemplar sua singular experiência de fé e seus valores carismáticos desde a realidade atual, à luz do impulso renovador do Papa Francisco. Comprovar a profunda sintonia, na distância de quatro séculos, entre Calasanz e Francisco.
3. Compreender melhor, à luz dos documentos do Papa, a formidável força transformadora da obra de Calasanz, seu alcance evangelizador e sociopolítico.
4. Nota. Os Documentos do Papa citados como referência são: a Exortação "*Alegria do Evangelho*" e a Encíclica "*Laudato Si'*", além de outros textos (homilias, catequeses...). Textos citados em letra cursiva.



2. O que entendemos por Espiritualidade?

1. "*A vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso com o mundo e a paixão pela evangelização*"¹, diz o Papa Francisco.
2. O Papa alerta sobre um tipo de espiritualidade, que ele denomina como "*espiritualidade light*"; bastante comum hoje em dia. Diz que "*hoje temos sede de espiritualidade porque temos excesso de espiritualidades inconsistentes*".
3. A espiritualidade cristã "desperta para a vida", frente à "Globalização da indiferença", como diz Francisco. A indiferença diante da realidade anestesia; impede o confronto da fé com os desafios da vida. Poderia um seguidor de Jesus viver sua fé desde a segurança de ter tudo calculado, girando apenas em torno de si mesmo, sem espaço para a generosidade de um coração que vai se tornando próximo e solidário?
4. Existe sempre o perigo de condescender com uma religiosidade sem Espírito, reflexo de uma busca egoísta de consolo e segurança pessoal; quando sustentada em ritos, costumes e práticas descomprometidas, carece de força renovadora e, ainda, oferece o retorno tranquilizante de sentir-se bem com Deus e de disfrutar aquela paz interior que distancia da vida. Mas o Espírito, o mesmo que guiava a Jesus, desinstala e reorienta a vida de outra forma, levando a pessoa ao encontro dos outros, livre do desejo prioritário de "sentir-se bem dentro de si".
5. O Espírito desperta para a compaixão e cria sintonia cordial e comprometida com a realidade empobrecida. A misericórdia é o sinal autêntico e confiável de que a vida está sendo guiada pelo Espírito.
6. Entendemos por espiritualidade a totalidade da vida dinamizada pelo Espírito. Tudo vivido desde a experiência de Deus, sem deixar nada do lado de fora; uma maneira de viver e habitar esta terra, desde a perspectiva do plano de Deus e em comunhão solidária com os outros.
7. Uma autêntica espiritualidade impulsiona a sair do reduzido espaço da piedade intimista, de orações já definidas previamente, de atos concretos limitados no tempo... para ter uma compreensão mais ampla, de forma que a vida inteira seja contemplada como um espaço aberto

¹ EG. N 78.

à ação do Espírito, que nos guia segundo a vontade do Pai; ao encontro, à fraternidade, à compreensão; é nessa misericórdia vivida no dia a vida que se expressa, melhor do que qualquer outra forma, o sentido amplo e profundo da espiritualidade.

8. Dizemos frequentemente: “iniciemos nosso encontro... com um momento de espiritualidade”. Em breves minutos, e às vezes distraídos, damos conta de cumprir com “aquele momento de espiritualidade”, como instantânea ritual que não pode faltar e que parece justificar a necessidade “de ser piedosos”. Não se trata de iniciar nada com um momento de espiritualidade; o desafio é viver a vida toda impulsionada pelo Espírito; para, desde ele, aprender a amar como Jesus amou e transformar esse amor em solidariedade real com os mais excluídos; o Espírito guia na direção do irmão, e se manifesta principalmente na vivência da misericórdia que abraça, que encontra, que partilha a vida. A vida toda, desde essa presença de Deus, é espaço da vivência da fé. Somos pessoas chamadas a viver sob a guia do Espírito, “espirituais com os pés no chão”; harmonia comprometida de “Fé e Vida”.
9. Passar pela vida com coração evangélico será a melhor maneira de viver desde o Espírito. Se Deus é definido como "Amor", será autêntica e evangélica a vida daquele que passa fazendo o bem de forma generosa, perdendo, abraçando e convidando a todos à festa da vida plena, que o Pai quer para todos. Passar pela vida com coração aberto, dialogando, amando, servindo; não fazendo de nós mesmo a referência fundamental, individualismo que termina sendo expressão de um marcado egoísmo.
10. Espiritualidade é saber viver na terra desde a perspectiva de Deus; sem criar mundos distanciados; inserindo o fermento da fé nas realidades humanas, para realizar o Reino no meio das limitações e fraquezas. É ter um olhar generoso e compreensivo sobre a realidade das maiorias sofredoras. A pessoa que cultiva em seu interior uma dimensão espiritual sabe caminhar com os pés no chão, sem passar distraída diante dos problemas que afetam a milhões de pessoas. O mundo atual produz muita tecnologia, mas também muitas vítimas.
11. A vivência mais genuína da espiritualidade é aquela que se apoia no centro da revelação: que Deus é amor e se revela em Jesus, convidando a todos a viver enraizados nesse amor e a viver como o Filho. É nesse centro que se unifica e ilumina tudo que vai acontecendo na vida. A espiritualidade desperta a paixão de buscar e viver o que é essencial. Viver no amor de Deus e do próximo é a mais alta aspiração. O amor é o critério fundamental; insistência frequente do Papa Francisco. Quando se perde essa perspectiva, é difícil habitar solidariamente esta terra, é difícil compreender as iniciativas que tendem a fazer mais amável a existência dos outros. É a partir do amor que se encontram respostas atrevidas aos problemas das pessoas: às vezes, tendo que sair do contorno correto por onde circula silenciosamente nossa vida, sem estridências e sem compromissos.
12. Quando não vemos o sofrimento dos outros, e vivemos numa moldura comodista que defende o que é nosso, alguma grave deformação se apoderou do coração e da mente. Temos perdido o olhar de Deus; vemos tudo com olhos que não sintonizam bem com o olhar misericordioso de Jesus. Não vendo como ele, é complicado poder agir como ele. Então, se buscam outras referências e valores para a vida...
13. A verdadeira espiritualidade cristã tende ao encontro pessoal, principalmente com os mais necessitados; pisa no chão e não foge para refúgios pessoais. Tende à promoção dos pobres e pequenos, apoia-se no amor de Deus que tem preferência por eles. A verdadeira espiritualidade é generosa; não sendo assim, é permitido duvidar de sua autenticidade evangélica. Se não sabe contemplar com misericórdia a realidade sofrida, não pode proceder do carinho de Deus que, paterno e compreensivo, acompanha a realidade humana, chamando ao amor fraterno e à reforma do sistema que cria excluídos. O amor de Deus, manifestado em Jesus, é eterno e incansável. Nada poderia escurecer esse amor, impedindo que a vivência da espiritualidade fique ausente do empenho por um mundo melhor.

14. No Evangelho, a palavra do Pai, olhando comprazido para Jesus, proclama: “Este é meu filho, que muito me agrada”. Por que lhe agrada? Porque é o filho empenhado em realizar sua vontade. Agrada ao Pai a sintonia com que o Filho realiza sua vontade; a partir da comunhão profunda entre os dois, Jesus percebe melhor sua missão, deixando-se conduzir pelo Espírito ao encontro das periferias. “O Espírito do Senhor está sobre mim e me envia a levar uma Boa Notícia aos pobres...”.
15. A espiritualidade de Calasanz foi um caminho concreto de seguimento de Jesus, no campo da educação. “Encontrei a melhor maneira de servir a Deus (agradar a Deus)...”. Frente à realidade sofrida que encontrou em Roma, viveu um despertar progressivo, até o momento em que Deus o guiou de forma definitiva e plena ao encontro pessoal com Ele mesmo, através da doação aos pequenos, como pai e educador. O Espírito lhe inspirou um caminho singular. Calasanz colocou Deus no centro de seu coração; a partir daí, teve outra percepção da realidade e se entregou aos pequenos. Tudo partiu do encontro pessoal com Deus, que se foi consolidando cada dia na entrega total a uma missão. Para ele, o caminho da espiritualidade foi viver em sintonia com Deus através de um ministério que descobriu como de valor incalculável, profundamente evangélico, renovador da sociedade, promotor de vida para os excluídos.
16. Nossa espiritualidade consiste, fundamentalmente, em “ser e viver como filhos/as”; no meio do mundo, nunca buscando espaços paralelos onde poder montar nossa barraca pessoal, livre da agitação da vida dos outros. O Espírito desinstala e conduz por caminhos que apontam ao “encontro solidário e misericordioso com a realidade da vida”.
17. A espiritualidade configura uma maneira diferenciada de viver. A diferença está marcada pelo rumo que o Espírito confere à vida, pelo estilo de vida que é preciso assumir para poder circular na direção por Ele indicada. A espiritualidade cristã suscita gratidão pela vida, que é descoberta como dom gratuito de Deus e que, ao mento tempo, é percebida como chamada profunda à convivência e à compaixão.
18. O coração compassivo é lúcido e feliz. Vive sem nada e se enriquece na entrega. Pelo caminho do desprendimento pessoal, Calasanz alcançou uma riqueza interior que não teria sido possível permanecendo na segurança confortável do palácio Colonna. Naquele tempo havia gente (boa!!!) que dava esmolas; ele deu sua vida.
19. Lemos sua história como um caminho de espiritualidade marcado pela misericórdia, uma história pessoal enraizada na vida concreta e sofrida dos pequenos pobres.

3. Primeiras etapas.

1. **Primeiros passos.** As primeiras experiências de fé de Calasanz aconteceram no seio familiar. Seus pais o educaram bem. Viveu num ambiente religioso que destacava “o santo temor de Deus, a oração constante e a devoção a Maria”. Realizou um brilhante percurso de estudos eclesiásticos em quatro Universidades. Alcançou o título de Doutor em teologia, em meio a um clero despreparado. Realizou suas primeiras atividades pastorais no norte da Espanha, antes de partir para Roma. Era bom sacerdote, valorizado no ambiente eclesiástico e social da época. Secretário de bispos e homem conciliador (época de muitas tensões políticas). Humanamente, suas qualidades humanas e sua preparação acadêmico/eclesiástica lhe auguravam um bom futuro. Com a intenção de buscar estabilidade para seu futuro viajou para Roma, quando tinha 35 anos; era ainda muito novo. Ano 1592.
2. **Primeiros anos em Roma.** Pretendia estar pouco tempo, na espera de realizar suas expectativas. Viveu na casa do Cardeal Colonna, de quem foi teólogo pessoal. Participou de algumas Confrarias e teve contato com várias Congregações Religiosas. Cultivou uma intensa devoção mariana. Assimilou elementos de várias espiritualidades: da Confraria das Chagas de São Francisco, pobreza, oração, penitência, contato com os pobres; da Doutrina Cristã, entrega ao

próximo, penitência, eucaristia; dos Carmelitas, iniciação à oração e vida interior. Viveu a onda renovadora do Concílio de Trento (teologia, frequência de sacramentos...). Teve experiências fortes de compromisso social, atendendo pobres e peregrinos, em contato diário com a miséria moral, social e pedagógica, que até então não tinha conhecido com aquela intensidade. Viveu fortes contrastes: motivações pessoais (busca de segurança e crescimento pessoal) e realidade desafiadora; luxo de setores minoritários e miséria generalizada. Não foi indiferente; mesmo nos primeiros anos em que a realização de seus projetos ainda era objetivo prioritário, não buscou exclusivamente seu bem-estar particular, e se deixou tocar por aquela realidade. Foram oito anos de processo interior, até chegar a uma decisão definitiva e transformadora.

3. **Um momento singular.** Durante o trabalho das Confrarias, conheceu a igreja de Santa Dorotéia e sua escola para crianças pobres. Descoberta, talvez casual, que chamou fortemente sua atenção para ele; inicialmente ajudou como colaborador; depois como responsável e se empenhou para que a escolinha funcionasse gratuitamente. Nesse momento, de comoção interior, deu o passo que iniciaria um câmbio radical: deixou o palácio Colonna e foi morar ao lado das crianças, na própria escola. Por causa do número de alunos, que crescia sem parar, teve que mudar várias vezes de locais, buscando sempre espaços mais amplos e acolhedores para as crianças. Solicitou ajuda para uma obra que, a cada dia, ultrapassava suas previsões iniciais; não teve resposta. Então...
4. **Decisão radical.** No contato com esta nova realidade, iniciou um processo interior que o levaria longe. Podia ter acomodado sua vida em âmbitos eclesiais continuando, ao mesmo tempo, suas boas práticas de caridade; mas num momento determinado se percebeu de outra forma nas mãos de Deus. Era bom sacerdote, mas ainda havia projetos girando em torno de si próprio. Fazia serviços caritativos e sociais; mas não tinha acontecido a experiência que o levaria à mudança radical. Foi passando da dedicação preferente aos adultos (cuidado de pobres, peregrinos...) à atenção exclusiva aos pequenos; foi então que aconteceu a experiência fundamental que o ajudou a situar-se melhor diante de Deus. Compreendeu que havia encontrado “o lugar único e especial” para viver sua fé; esta nova percepção o marcou para sempre e desabrochou sua paixão pela recuperação da vida excluída dos pequenos. Antes, sua vida era confortável e buscava prestígio pessoal; depois se deixou envolver pela realidade dos pobres e, com o coração livre de apegos, entregou sua vida a um ministério de pouca relevância social. Enamorou-se de um novo perfil vocacional. Por causa dessa forte comoção interior, foi forjando um estilo pessoal de vida onde começaram a destacar as virtudes mais adequadas ao novo ministério: humildade, simplicidade, entrega, pobreza total, paciência infinita, espírito paternal, alegria, esperança, diligência... Uma espiritualidade envolvente, que integrava totalmente sua vida e missão.
5. **Papa Francisco.** Chama insistentemente a superar práticas religiosas aparentemente boas, mas que ainda não tocam o fundo do coração, porque convivem com uma vida acomodada que não permite desenvolver um processo de mudança radical; denuncia a fé que, além de não inquietar, termina sendo um tranquilizante. Diz que a fé tem que ser vivida como “*experiência pessoal de encontro transformador*”. Isso exige um processo interior, algo demorado, até superar a tentação de acomodar a vida em posturas apenas razoáveis, que não ajudam a mudar nada; é necessário superar horizontes estreitos e deixar livre o coração, para poder mover-se em torno do essencial.

4. “Encontrei o centro e sentido da vida...”

1. **Papa Francisco.** “*Convido todo cristão, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus; a deixar-se encontrar por Ele, a procurá-lo dia a dia sem cessar*”². “*A alegria da Boa*

² EG. N 3.

*Notícia enche o coração dos que se encontram com Ele*³. O ponto de partida é sempre “um encontro pessoal”; é a raiz e origem da fé e da vida cristã.

2. **Calasanz tinha 44 anos.** Nesse momento decisivo, e manifestando uma lúcida convicção de maturidade espiritual, pronunciou aquela frase admirável: **“Encontrei a melhor maneira de agradar a Deus, educando as crianças pobres, e não a abandonarei por nada deste mundo”**. Deus entrou definitivamente em seu caminho, produzindo uma transformação radical, em contato com a extrema pobreza das crianças. A opção, por ironia da vida e por graça do Espírito, aconteceu no momento em que podia ter voltado para trás, porque acabava de receber o benefício eclesiástico esperado. Mas sua decisão era radical; então mudaram os valores da vida, porque Deus veio ocupar o centro do coração, conquistado através das crianças; e começou a perceber tudo de outra maneira.
3. A presença de Deus tinha marcado a primeira etapa de Calasanz na Espanha, desde sua infância; o clima religioso familiar era bom; foi bom filho, bom estudante, digno sacerdote. Depois, já em Roma, vivia como piedoso sacerdote atento à realidade daquela contraditória cidade. Mas num determinado momento a presença de Deus o marcou de forma radical. Percebeu que já não podia voltar para a Espanha e se deixou guiar para um novo horizonte; podia pronunciar como Teresa de Jesus “só Deus basta”, ou como Paulo de Tarso “é Cristo que vivem em mim; agora Deus ocupa o centro de minha vida”. A experiência de Teresa nos ajuda a compreender melhor o que aconteceu no íntimo de Calasanz.
4. **Santa Teresa: “só Deus basta”.** Uma singular experiência de fé e uma frase que dá sentido a uma vida (ao estilo de Calasanz). Mas o caminho foi longo, até chegar a esse ponto. Ninguém nasce santo; é um processo que vai situando a pessoa nos projetos de Deus, até que Ele ocupa o centro, de tal maneira que tudo se relativiza e transforma. Teresa vivia no mosteiro, com o sincero desejo de ser uma boa irmã; trabalhava, orava... Aparentemente era tudo correto. Mas percebia que, dentro daquele esquema religioso, algo não funcionava bem: Deus estava presente, mas sua presença não era “totalizante”, não ocupava todo o espaço de sua vida; vivia o encontro com Deus dentro de uma rotina que não satisfazia. Experimentou a insatisfação daquela situação; pensou, inclusive, que seria oportuno fazer uma parada naquele ritmo de vida e de oração. Um dia, inesperado, chegou o momento singular em que pode dizer: **“só Deus basta”**. **Encontrou** a Deus de forma plena. Quando uma pessoa é capaz de dizer isso, tudo se transforma. Teresa descobriu algo fundamental: coexistiam dentro dela algo assim como duas vidas paralelas: o encontro com Deus em determinados momentos e uma rotina diária que derivava por outros caminhos; duas vias que não se integravam bem; sentia-se dividida. Todo ser dividido vive insatisfeito; a divisão interior é fonte de mal-estar. A unificação comunica sentido e a feliz experiência de viver bem.
5. **Paulo:** também chegou a esse encontro radical e pode dizer: **“É Cristo que vive em mim”**. **“Encontrei a Jesus...”** Num primeiro momento havia posturas enfrentadas, até descobrir o rosto daquele a quem perseguia. Então disse: “Só quero conhecer a Jesus, e a Jesus Crucificado”. **Só ele basta**; e se fez presente de tal forma que o resto se tornou relativo. Tinha chegado à decisão definitiva que marcou sua vida. Nunca mais voltou atrás (**“Não o abandonarei por nada deste mundo”**). “Tenho tudo como perda em comparação com o maior bem que é ter conhecido pessoalmente Jesus, meu Senhor; por ele perdi tudo e considero tudo como lixo...” (Fl 3,8-11).
6. **Uma singular e marcante experiência de Deus.** Por trás da iluminadora frase de Calasanz aparecem dois polos, intimamente unidos: Deus e as crianças pobres. Opção radical que unificava a vida. O que tinha sido a aspiração inicial de sua vida ficou esquecido no passado. Encontrou um eixo definitivo em torno do qual poder construir sua vida: “Deus como valor fundamental e serviço aos pequenos como expressão concreta desse encontro”. Dócil à ação do Espírito, viveu o seguimento de Jesus com desprendimento total, como Jesus na cruz; nas privações e contradições de cada dia, que foram muitas. Nessa identificação, Calasanz

³ EG. N 3

encontrou a paz interior, como um espaço sagrado que nem os piores momentos da vida seriam capazes de remover.

7. **Só Deus, descoberto no rosto das crianças pobres.** Hoje, a vida de muitas pessoas, inundada por mil ofertas e possibilidades, acontece de forma fragmentada, sem eixos configuradores que preservem a identidade e ofereçam uma direção definida ao processo do crescimento pessoal. Calasanz, na maturidade de seus 44 anos, chega a uma definição unificada de sua vocação, tendo um centro em torno do qual vai girar sua vida, deixando de lado as coisas que considera, para sempre, secundárias, como dizia Paulo. A partir de seu encontro pessoal com Deus, define sua vocação como entrega total e para sempre. Encontra o que dá sentido e unidade a sua vida, fonte de sua paz interior, que nunca perderá. Os valores antes sonhados perdem significado; são, inclusive, irrelevantes. Agora sabe para quem vai viver durante o resto de sua vida, que se prolongara até metade do século XVII. Só uma coisa aparece como definitiva; viver desde Deus numa entrega total à educação das crianças pobres. Só esta opção radical pode satisfazer seu coração. A história de Calasanz será rica da presença do Espírito, que atuará dentro dele e o guiará através da realidade da vida.
8. **Agora sim, O encontrei...!!!** Os dez primeiros anos em Roma foram um exercício de discernimento permanente que o foi conduzindo ao encontro configurador de sua vida, que mudará sua maneira de viver e deixará dentro dele uma certeza inquebrantável. As possíveis resistências interiores foram desmanteladas pela voz do Espírito que clamou mais forte do que suas aspirações. Tudo ficará iluminado e impulsionado por esta experiência singular. Surge uma realidade nova, não como algo já terminado, mas como caminho de entrega, que Calasanz assume com todos os riscos; será um longo caminho, nunca fácil, sempre sustentado pela sua fé. Processo permanente de conversão, cuja orientação ficou definida no primeiro momento, mas reclamando uma permanente peregrinação. Calasanz irá identificando sua vida à de Jesus, até o ponto de poder dizer, com São Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).
9. A entrega total a Deus, através de Jesus, é a única que pode satisfazer o desejo de plenitude que existe no coração humano. Calasanz percebeu que sua vida podia ser colocada, como a de Jesus, a serviço dos outros. Deixou de lado seu prestígio pessoal, para entregar-se sem reservas ao bem e felicidade dos outros. Só a partir de Deus é possível compreender tão radical mudança, para viver a vida toda como vocação de serviço.
10. Em Jesus se relativiza tudo. Ele é a referência última de nossa vida; questiona nossos valores pessoais. Só a adesão a Ele é capaz de desenvolver uma mudança interior que tudo transforma. Esse é o grande desafio: deixar-se alcançar por Jesus, até configurar nossa vida à dele. Calasanz pedia a seus religiosos uma constante meditação sobre o Crucificado.

5. Dúvidas sobre uma fé que não alcança o coração; apenas a periferia...

1. A história humana está fortemente marcada pelo profundo desejo de possuir; esse desejo que habita o coração humano provoca ambição e conflitos, guerras e exclusões, extremos gritantes de opulência e miséria. Frente ao possuir egoísta, que amarra o coração humano, o Evangelho faz um apelo à renúncia radical: “Quem não renuncia... não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33).
2. **Para onde nos leva o Evangelho (Jesus)?** A vida cristã, desde o batismo, é convocação a viver em profunda sintonia pessoal com Jesus; processo que dura a vida inteira; é um caminho de fé que desemboca na entrega pessoal aos outros. A adesão a Jesus pretende levar o cristão a deixar-se invadir por ele de tal forma que as decisões e estilo de vida sejam afetadas por esse encontro; o confronto com a pessoa de Jesus ajuda a avaliar com lucidez a própria vida, para ver se está acontecendo segundo o Evangelho.

3. **Existem vários níveis de seguimento de Jesus.** No primeiro, o seguidor tenta responder às exigências fundamentais da vida cristã: eucaristia, vida de caridade, serviço aos outros... São coisas que podem acontecer razoavelmente e sem representar grandes dificuldades. Mas num segundo nível, a pessoa compreende que para seguir a Jesus de forma radical não basta com a vivência cristã do primeiro nível (cumprimento que, talvez, não compromete totalmente); percebe que é preciso deixar-se questionar no âmbito todo de sua vida; não é suficiente o cumprimento de práticas e normas; é necessário imprimir à vida uma nova direção, que a envolva por inteiro.
4. Custamos reconhecer que, muitas vezes, existem dentro de nós posturas acomodadas, ou até coniventes com o sistema que domina o ambiente. Não sintonizam com o evangelho; as encobrimos com falsas argumentações para justificar-nos; cobertura falsa. Diante da realidade, Jesus tomou posturas enfrentadas ao poder, à injustiça; não permaneceu neutral. Para isso teve que desprender-se de muitas coisas, a partir de sua profunda experiência do Pai. Só inundado pela presença do Espírito e livre do que podia prender seu coração poderia passar pela vida anunciando o Reino do Pai.
5. **Teria passado Calasanz para a posteridade sem a experiência radical que transformou sua vida?** Havia em Roma muitos sacerdotes “bons”; a história está cheia de “gente boa”... Calasanz tinha vivido os primeiros anos em Roma de forma intensa; mas dentro dele se movia aquela inquietude de quem busca algo a mais. Colocou seu nome nas atas de muitas Confrarias, sempre com o desejo de ser bom sacerdote e movido pela realidade que o interpelava cada vez que saía de sua área de segurança (títulos, moradia no palácio Colonna...). Algo o estava chamando fora dos espaços confortáveis, mas teria que fazer pessoalmente esse percurso de busca até “encontrar” o objetivo final do qual nunca mais iria se desviar. Começou a ver melhor que a vida não é possuir ou possuir-se, mas entregar-se aos outros. Deixou nas mãos de Deus o destino de sua vida, percebeu que sua realização plena não estava na busca de sua estabilidade pessoal, mas no que ele mesmo poderia ser para os outros. A plenitude humana alcança-se, como fala o Papa Francisco, na entrega aos outros; Deus nos conduz nessa direção. Calasanz foi capaz de colocar toda a sua vida nos planos de Deus; um salto de fé, arriscado, porque quebrava o desejo natural de segurança pessoal.
6. **O próprio Jesus, em determinado momento, imprimiu a sua vida um radical câmbio de rumo.** Em Nazaré proclamou com firmeza sua missão libertadora, apropriando-se as palavras de Isaías; e começou a atuar em consequência. Mais tarde, foi necessário dar um choque nos discípulos dormidos, falando claramente da radicalidade de seu caminho; eles queriam seguir a Jesus, mas por uma via acomodada (filhos de Zebedeu); queriam seguir, mas a palavra radicalidade não fazia parte dessa opção; seguir sim, mas desde uma postura confortável. Jesus foi duro com eles: “quem não renuncia não pode ser meu discípulo; vocês não podem pretender (como fazem outros) viver sem risco”. Muitos se afastaram; parecia-lhes dura aquela linguagem; só um pequeno grupo ficou com ele.
7. **“No século XXI o cristão será místico ou não será cristão”.** Assim escrevia um famoso teólogo, chamando a atenção para um novo perfil da fé autêntica no início deste século. Algo teria que mudar: existe sempre o perigo de manter uma fé indefinida, que não toca o fundo do coração e por isso é incapaz de mudar a pessoa. Sem forte experiência de Deus a vida de fé se esvazia entre rituais, costumes e rotinas. Só a mística (experiência do “encontro”) sustenta um autêntico seguidor de Jesus.
8. **A partir de Deus.** Dois polos sustentavam sempre a vida de Jesus: o Pai e os pobres. “Subia à montanha, para mergulhar na vontade do Pai - descia à planície ao encontro da multidão carente” (Lc 6,12-19). O encontro pleno com o Pai orientava seus passos ao encontro dos outros; por isso, ao descer da montanha, as pessoas percebiam nele uma força que os outros não tinham.
9. A mística sustenta a atividade desbordante do Papa Francisco; o contato pessoal, perseverante, com Deus (longas horas de oração) fortalece sua fé e mantém viva sua sensibilidade diante da

realidade sofrida dos mais excluídos aos que manifesta uma atenção preferencial. Tem muita atividade, mas partindo sempre da fonte que sustenta sua vida: Deus.

10. **Viver da fé nos tempos de hoje.** O Papa Francisco nos ajuda a fazer uma autocrítica sincera; define um perfil exigente do novo tipo de cristão que a Igreja e o mundo precisam; esse perfil se sustenta só a partir da experiência (encontro) com Deus:
- a. *Em nossa cultura existe um encontro pobre com Deus; sem isso... nada!!! Temos o coração dormido, anestesiado pelas coisas da vida.*
 - b. *É preciso experimentar o amor de Deus, seu perdão que redime. Temos que viver a fé de forma mais autêntica, sem incoerências, com alegria. Se não somos coerentes não somos cristãos.*
 - c. *Às vezes parece que somos cristãos de “crachá”, de “nome”; nossa fé é ornamental. Ter fé não é decorar a vida com um pouco de religião; é colocar a Deus como fundamento da vida.*
 - d. *A Igreja está cheia de cristãos pela metade, com fé medíocre; apagados (cinzentos!!).*
 - e. *A vida cristã tem que ser vivida como festa, com profunda alegria.*
 - f. *Com frequência tudo está bem, mas não existe vida espiritual; participamos da eucaristia, rezamos... mas a temperatura espiritual é morna. Ficamos parados.*
 - g. *A fé se desdobra em compromisso. Aparentemente tão próximos de Deus... mas distantes dos outros!!! Estamos adormecidos e acostumados diante da miséria dos outros. Precisamos olhos novos...*
 - h. *Ser cristão é deixar-se renovar pelo Espírito. O ponto de partida está no “encontro pessoal com Jesus”; só assim se pode ser cristão. Nossa fé é uma relação pessoal; é revestir-se dele; abrir o coração a Ele; Ele é a nossa vida. A proposta é entrar na vida de Jesus e deixá-lo entrar na nossa.*
 - i. *A vida cristã é permanecer em Deus, não em outros valores. O amor de Deus muda nossa vida e nos faz felizes. Sentimos a grande alegria de acreditar em Deus, que é tudo amor e graça.*
 - j. *Ser cristão é um estilo de ser e de estar no mundo à luz do Evangelho. A vida cristã é uma forma singular e profética de habitar o mundo.*
 - k. *Conversão é mudar de rumo; sair de nossos sepulcros e deixar-nos libertar pela palavra de Jesus. É necessário voltar às origens da fé; o encontro com o Ressuscitado está na base de tudo. Uma doença grave do cristão atual é ter medo da presença próxima de Jesus na sua vida.*
11. **Algumas suspeitas:** Existem muitos cristãos parados no tempo, ou simplesmente sustentados em práticas superficiais e pouco comprometedoras. A palavra do Papa convida a tomar nova postura. Existem momentos na vida em que é preciso questionar-se sobre a maneira de viver a fé; talvez para marcar “um antes e um depois”. O apelo do Papa sacode a acomodação e o conformismo; tenta despertar a fé pessoal em Jesus. Só a partir daí é possível desenvolver uma vida cristã autêntica. Sem isso, as coisas não andam. Talvez somos “gente boa”, mas não é suficiente. Somos gente de fé... mas que tipo de fé? Pode existir um bom cristão sem mística ou sem compromisso com a realidade da vida? São suspeitas muitas desculpas que pretendem justificar a mediocridade; falta de tempo, muitas ocupações...
12. Calasanz, nos primeiros anos em Roma, não viveu na mediocridade; não viveu acomodado; era bom sacerdote; mas ainda existia espaço de conversão dentro de seu coração. A conversão, como experiência profunda que centraliza tudo em Deus, levou-o a uma opção radical e definitiva, a serviço dos pequenos. “Eu O encontrei...; encontrei a melhor maneira de agradar a Deus...”. Então, tudo mudou.
13. Sempre existe espaço de conversão em nosso coração.

6. Igreja em saída. Ao encontro de Deus na realidade da vida.

1. **Calasanz e Francisco.** As colocações do Papa Francisco, frequentemente duras e exigentes, são um raio de luz que, perpassando quatro séculos de distância, ajudam a compreender melhor a vocação e missão de Calasanz. As considerações do Papa, que hoje sacodem a uma Igreja meio parada no tempo e preocupada pela conservação de seu prestígio no meio do mundo, devem ter sido pontos da meditação pessoal de Calasanz na Roma Renascentista. Uma leitura paralela da Exortação “Alegria do Evangelho” e da opção de Calasanz ajuda a perceber que, mesmo na distância de tempo e cultura, existe profunda sintonia entre os dois, baseada na mesma raiz evangélica.
2. **Francisco** convida a superar a tentação de ficar na metade do caminho, atitude muito comum na vida cristã; isso acontece quando nos colocamos no centro, tendo perdido a força animadora do Espírito que impulsiona a uma evangelização mais aberta, e principalmente em direção dos empobrecidos. *“As pessoas sentem imperiosamente necessidade de preservar seus espaços de autonomia, como se a tarefa da evangelização fosse um veneno perigoso e não uma resposta alegre ao amor de Deus que nos convoca para a missão e nos torna completos e fecundos”*⁴. Não somos o centro, colocando a vida ao nosso redor e buscando privilégios. Uma Igreja que busca autoafirmação e poder é uma Igreja morta. Tem que ser servidora; pobre e para os pobres, sem buscar-se a si mesma. Francisco convida a sair de nós mesmos para ir em direção das periferias e tocar o sofrimento dos pobres. Eles são o lugar do encontro com Deus. Não se trata de pura filantropia (como pode acontecer numa ONG). É uma descoberta desde a raiz do Evangelho; um sinal do Reino. Deixamos de ser “a referência”; só Deus aparece como valor único e fundamental e, então, a vida começa a ser construída com outros valores.
3. *“Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora”*⁵. *“Os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais”*⁶. *“A vida se alcança e amadurece na medida em que se entrega para dar vida aos outros”*. *“É na missão que se encontra o dinamismo verdadeiro da realização pessoal”*.
4. Nos primeiros capítulos da Exortação “A alegria do Evangelho”, Francisco faz questionamentos inquietantes sobre a transformação missionária da Igreja, servidora e em saída. Quer uma nova maneira de evangelizar, que exige renúncia e atitude de serviço; anunciar a Boa Notícia é uma viagem sem retorno, ao encontro dos que não têm lugar: a Boa Notícia é para eles.
5. Convida *“a sair de nós e de nossas seguranças, a ir ao encontro das periferias e tocar o sofrimento dos outros, a não ficar guardando posturas acomodadas”*. Coloca Abraão, Moisés, Jeremias..., como referência de pessoas em dinamismo de saída. O próprio Jesus vivia partindo sempre para “outras aldeias”, alcançando as periferias que precisavam ouvir o anúncio da Boa Nova, além das fronteiras do “Israel privilegiado”. Francisco convida a sair e alcançar essas periferias que precisam da luz do Evangelho.
6. O Papa Francisco usa expressões que revelam seu ardente desejo de impulsionar uma profunda mudança na ação evangelizadora: *“Ser uma Igreja em saída, ao encontro das periferias existenciais; tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, encurtar as distâncias, chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Entrar na vida dos outros, abaixar-se até a humilhação e assumir a vida humana tocando a carne sofredora de Cristo no povo”*⁷. *“A*

⁴ EG. N 81.

⁵ EG. N 8.

⁶ EG. N 10.

⁷ EG. N 24.

*Igreja em saída é uma Igreja de portas abertas, para poder chegar às periferias... para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho*⁸.

7. A fé tem que ser missionária, como a fé de Jesus: em contato permanente com o Pai e caminhando todos os dias em direção da multidão cansada. Sem contato com a realidade, a fé corre o risco de ser “espaço virtual”, tranquila e despreocupada dentro de um castelo isolado.
8. **O desafio evangélico sempre incomoda.** A Igreja tinha ficado estancada em “seu lugar”, com pouca capacidade de diálogo e encontro; segura de si mesma; distante das camadas mais humildes. Francisco sacode posturas acomodadas, destaca os acentos de uma espiritualidade evangélica para os tempos de hoje; fala da necessidade de conversão, que deve atingir inclusive o próprio papado, para poder evangelizar desde uma liberdade total, sem tantas amarras que prendem a vitalidade do evangelho. Denuncia, com duras palavras, o “*mundanismo espiritual*” de quem busca o próprio bem-estar e se fecha diante da realidade sofrida. Diz que essa religiosidade é falsa; a verdadeira encontra seu eixo vital em Deus. Só Deus basta; é preciso que o centro se desloque de si mesmo em direção a Deus para, desde Deus, descobrir melhor o rosto dos outros. Sempre existe a tentação de ficar na metade do caminho; situação muito comum na vida cristã, como diz o Papa.
9. **Calasanz.** Um Papa como Francisco teria sido, com certeza, uma boa cobertura para o empenho de Calasanz; mas na Igreja do XVI-XVII não encontrou esse apoio (com alguma exceção valiosa). Por isso, sua opção tão singular no meio daquela sociedade adquire, com mais força, perspectivas surpreendentes. Calasanz, como os personagens bíblicos, rompeu com sua situação anterior e iniciou uma nova história pessoal; além das fronteiras conhecidas; começou a viver nas mãos da providência de Deus: sem títulos e mudando o centro de suas atenções em direção das crianças pobres. “Pobre e para os pobres”, usando a expressão tão querida do Papa Francisco. Ele, que tinha sonhado boas perspectivas de futuro por causa dos seus títulos, deu uma virada total em sua vida, a partir do encontro transformador com Deus; se fez humilde servidor dos pequenos e viveu na carência e na pobreza total. A frase de Jesus: “Eu não vim para ser servido, mas para servir” foi assumida plenamente na nova opção de Calasanz, depois de sair do palácio Colonna. E suas escolas se transformaram num imenso coração aberto para acolher os que constantemente chamavam na porta; “casa paterna e acolhedora” para os mais carentes.
10. Muitas coisas, aparentemente importantes, deixaram de ser relevantes. O que parecia correto perdeu sentido; e que era nobre perdeu valor. Mudou-se para a periferia; sua residência eram os humildes. Chegou o momento em que os dois polos, palácio Colonna e pobres da periferia, não podiam mais coexistir; sair do palácio significou renúncia definitiva; sem volta atrás. Orientou sua vida por caminhos inseguros, cheios de confrontos. O horizonte dos “próprios interesses” desapareceu. Colocou em sua vida uma nova direção que não tinha imaginado: os pequenos-pobres-sem cultura.
11. **A identificação com Jesus exige desprendimento e renúncia total.** Jesus perguntou aos discípulos que queriam garantia de futuro: “Podeis beber o cálice que eu vou beber...?” É frequente, na vida cristã, envolver-se numa auto compreensão que elimine a radicalidade do seguimento. Os próprios discípulos se assustaram quando Jesus falou abertamente mostrando as exigências do caminho. Era um discurso duro. Não basta contemplar a Jesus desde uma perspectiva devocional que, frequentemente, cria um espaço de segurança onde a devoção justifica a falta da busca radical; Jesus convida a sair, a desinstalar-se. “Tinha condição divina, nas não se apegou a ela... Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens...” (Fil 2,6-11). Não se pode seguir a Jesus e, ao mesmo tempo, proteger-se dos riscos que leva consigo.
12. **A pobreza que Calasanz abraçou estava intimamente relacionada com sua opção radical.** “*Um coração missionário está consciente das limitações, fazendo-se fraco com os fracos, tudo para*

⁸ EG. N 46

todos". Paulo apresenta assim seu trabalho missionário (1Cor 9,22-23); na própria fraqueza encontrou força, pois ela vem do Senhor. Calasanz, podendo ter vivido numa retaguarda confortável, se fez pobre para abraçar mais de perto os pobres; encontrou a força necessária para enfrentar graves problemas e desafios. Pobreza e entrega total são expressão de sua liberdade interior, deixando de lado a vida confortável e a segurança clerical. Seu carisma está direcionado pela misericórdia que se envolve na proteção e resgate da vida e dignidade dos pequenos.

13. Calasanz viveu fiel nessa entrega, mesmo no meio de muito sofrimento e incompreensão. Seus projetos pessoais não eram o valor definitivo. Têm coisas e causas pelas quais vale a pena entregar a vida. O valor supremo que resplandece em sua vida é viver pobre, fiel, para melhor servir humildemente aos pequenos; colocou seu eu nas mãos de Deus, olhou para a periferia e mudou o eixo de sua vida. Foi incompreendido e perseguido; mas viveu tudo isso desde Deus. A firme consistência de sua fé foi a garantia de sua perseverança, a luz que fez resplandecer seu rosto como "pai dos pequenos pobres".
14. Enfrentou crises e situações de extrema carência, sem volver a vista atrás: "*Não abandonarei por nada desde mundo...*". Uma vida dura, que o dignifica. No final pediu a seus religiosos para permanecer fiéis, quando tudo parecia aniquilado, "pois o Senhor atuará em favor de nossa obra". Espiritualidade de esperança contra os sinais que apontavam para a destruição final. A última palavra é de Deus.
15. Espiritualidade de despojamento, para que os pequenos pudessem recuperar sua dignidade e ter um futuro digno. Um horizonte novo estava nascendo para futuras gerações, enquanto um velhinho teimoso e fiel entregava sua vida, na generosidade do dia a dia, nas mãos de Deus. Durante muitos anos viveu profundamente associado ao Mistério Pascal de Jesus.

7. Os pobres, destinatários privilegiados do Evangelho.

1. **O encontro com Deus orienta a vida ao encontro com os pobres.** E é nos pobres que se confirma a autenticidade do encontro pessoal com Deus.
2. "*Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino*"⁹. A Boa Nova é gratuidade. Calasanz, desde seu compromisso inicial em Santa Dorotéia, concebeu a educação como oferta gratuita; sinal do Reino.
3. A fuga da realidade é sempre um perigo; acontece por medo, por egoísmo, por imaturidade de uma fé que não se liberta de perspectivas privadas e que pode chegar a paralisar o bom desejo inicial de seguir a Jesus. A postura autêntica da fé exige passar pelos caminhos da vida, em contato com a pobreza e com os excluídos. Se não pisar o chão é duvidosa.
4. O Papa Francisco impulsiona a vivência autêntica da fé frente a uma realidade dominada por uma economia de morte. Chama a sair ao encontro; a fé é um impulso que leva até o outro. Critica "*nossas mãos tão limpas para receber a comunhão, mas que deveriam sujar-se um pouco ajudando o irmão que não tem água para lavar-se*". Condena duramente a "globalização da indiferença". Levando esta frase para o contexto histórico de Calasanz, poderíamos falar de "insensibilidade acomodada". Existia um "sistema estabelecido" que deixava as coisas acontecer dentro de parâmetros aceitos como normais; sem crítica e, portanto, sem propostas de mudança. Era difícil rebelar-se contra aquela situação; mas é o que ele fez; não foi o único, evidente, pois outras pessoas tiveram também grande sensibilidade diante do sofrimento e deram especial atenção a doentes, mendigos, peregrinos, pobres em geral. Calasanz o fez numa área que não recebia o mínimo reconhecimento, porque os pobres não precisavam de

⁹ EG. N 48.

cultura. Aparentemente, tinha tudo em contra. Cuidar de doentes merecia respeito; abrir uma escola para pobres era “algo inesperado e até fora do contexto”. Calasanz teve uma sensibilidade especial; viveu atento à vida em perigo e encontrou a maneira concreta de viver sua fé no meio das crianças excluídas. Para tomar a atitude corajosa de dar vida a uma proposta tão inovadora, teve que chegar a uma certeza interior fora do comum; só em Deus pode ter encontrado apoio para aquele louco atrevimento.

5. Convida Francisco a “*não fechar-nos em estruturas que nos dão uma falsa proteção, quando lá fora há uma multidão faminta, irmãos que vivem sem força, sem luz, sem uma comunidade que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida*”. Calasanz foi homem generoso e feliz, deixando definitivamente para trás a segurança do seu futuro e entregando a vida aos pequenos-pobres: “encontrei o melhor..., servir a Deus nos pequenos”. Descobriu o essencial; e, como confirmação da nova identidade, começou a chamar-se “José, pobre da Mãe de Deus”.
6. “*A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, do serviço... Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura*”, diz Francisco. A espiritualidade de Calasanz foi bem diferente da fé alienante e apagada. Viveu uma espiritualidade que cura, liberta e comunica vida e alegria aos excluídos. Hoje existe (sempre aconteceu assim) o perigo de acomodar-se numa “fé desconectada” da realidade; há pouco compromisso, predomina a busca do bem-estar pessoal “*e de uma espiritualidade light que o sustenta*”, como afirma Francisco. Calasanz “tocou profundamente a realidade da vida”; e encontrou a Deus no rosto das crianças. Francisco fala de “*descobrir Jesus no rosto dos outros*” “*Ver a grandeza sagrada do próximo, descobrir Deus em cada ser humano, tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros*”.
7. Calasanz deixou-se tocar por Deus e se inclinou do lado dos pobres; é a postura que Francisco quer recuperar na Igreja de hoje. Viveu uma experiência singular no contexto da poderosa Igreja renascentista. Suas escolas foram como a sacudida do chicote de Jesus derrubando o espaço consolidado que ocupavam os donos do Templo. Confronto pesado e desigual; Jesus e Calasanz estavam sozinhos diante do desafio. “*Fizeram barulho*”, como pedia o Papa aos jovens na JMJ do Rio: “*Chamem a atenção, gritem, critiquem, clamem por uma sociedade diferente. Sejam protagonistas da mudança. Não vejam a vida passar. Não tenham medo de ir contracorrente. Não deixem que a esperança se apague; podemos mudar a realidade. Superem a apatia e ofereçam uma resposta cristã. Construam um mundo melhor*”¹⁰. O barulho chegou aos ouvidos do Sumo Sacerdote em tempos de Jesus e ao Sumo Pontífice em tempos de Calasanz.
8. **Sempre houve pobres na história humana**, triste consequência do egoísmo e da falta de solidariedade. É difícil sonhar um mundo sem excluídos; o dinheiro e o bem-estar corroem a sensibilidade do coração; chega-se à “globalização da indiferença”, num mundo que poderia resolver os problemas básicos da existência.
9. Como indica Francisco na Encíclica “Laudato Si”, “*a humanidade vive hoje o desafio de mudar radicalmente o sistema estabelecido, porque não é capaz de dar à humanidade, aos que sempre foram esquecidos, um futuro digno e sustentável. Não existem muitas alternativas: salvar-se (e salvar o planeta) a partir do reconhecimento do valor de toda pessoa e organizar a vida a partir de atuações sócio-políticas solidárias, ou permitir a afirmação egoísta dos que acumulam conhecimentos e riqueza em benefício próprio*”. Uma primeira postura pode ser a decepção de quem pensa que nada pode ser feito; leva ao isolamento de buscar refúgio em si mesmo. Uma segunda atitude é criar coragem para reduzir o sofrimento, tentando eliminar as causas; muitas pessoas se comprometem nessa luta admirável.
10. Existe ainda outra postura que, além da boa vontade, só se compreende desde o Mistério da Cruz de Jesus, pois parte do reconhecimento do outro como criatura digna de respeito, amada

¹⁰ FRANCISCO. Jornada Mundial da Juventude. Rio de Janeiro.

e convidada à vida pela misericórdia de Deus. É um convite a participar no amor salvador de Deus, entrando no sofrimento humano, ou melhor, deixando que ele penetre em nós e nos toque profundamente, mesmo não vislumbrando resultados imediatos; é um passo exigente e difícil, que só pode acontecer com a iluminação e força do Espírito. Jesus fez essa experiência na entrega total de si mesmo por amor, mesmo quando humanamente tudo parecia conduzir ao fracasso. Quando os resultados estão à vista, é mais fácil aceitar o sofrimento pessoal; mas estar totalmente disponíveis no meio da rejeição, é duro; é participar no amor salvador de um Deus que escolheu partilhar a vida humana em sua mais profunda experiência de limitação.

11. Calasanz teve a lucidez que muitos contemporâneos não tiveram ou que, talvez, buscaram desculpas para justificar o apego às próprias seguranças. Calasanz se desinstalou para ser livre em função de uma opção radical de serviço evangélico. Sempre teve diante dos olhos a figura de Jesus, o Crucificado, que se entrega até a morte e se revela no rosto desfigurado dos excluídos; tentou imitá-lo.
12. Desde pequeno, Calasanz tinha vivido num contexto de fé. Mas era apenas o início remoto de um processo; a fé só se torna profundamente humana quando toca as profundezas da realidade; exige tempo. Foi-lhe dado realizar essa experiência na maturidade da vida; foi uma caminhada progressiva.
13. Teve uma fina sensibilidade com o sofrimento dos pequenos. Naquele momento a carência educativa era muito grande, reforçada pela indiferença dos que não sabiam descobrir no rosto sofrido dos pequenos um potencial humano que poderia transformar-se em riqueza para a sociedade, além de potenciar, primeiramente, o valor pessoal de cada um deles. Os pequenos passavam despercebidos. Calasanz os descobriu. Contemplou, desconcertado, o sofrimento interminável que era causado por uma sociedade cristã negligente, que lhes negava o direito fundamental da educação. Contracorrente, colocou a serviço deles o melhor de sua vida e a missão dos escolápios. No meio daquele deserto educativo, descobriu a imensa riqueza que são as crianças de qualquer condição, ricas de possibilidades desde que alguém lhes ofereça uma oportunidade; e se colocou à disposição, com todo o seu ser.
14. A opção por elas mudou sua vida para sempre; empreendeu um caminho sem retorno. Semeou no meio do “deserto” uma semente de vida, e foi capaz de fazê-la germinar, mesmo em circunstâncias adversas. Amou e sofreu intensamente. Sua obra era valiosa; estava convencido de que era o caminho que facilitaria o pleno e feliz desenvolvimento dos pequenos; portanto, como expressou no Memorial ao cardeal Tonti, valia a pena dar a vida por ela. E em cada passo foi firmando mais sua vocação; de forma heroica, incompreendido... mas sustentado pela fé. Entregou-se com a grandeza de espírito de Jesus de Nazaré que, em cada passo de sua vida, foi revelando a misericórdia do Pai.

8. Desafio da inclusão frente à cultura do descarte.

1. **Jesus foi atrevido ao promover o desafio da inclusão.** Teve que ultrapassar fronteiras proibidas pela própria lei religiosa. Abraçou a um leproso, insignificante excluído social, e o convidou a voltar para a cidade, para conviver dignamente com os outros; Deus quer a vida de todos, sem as fronteiras criadas pela indiferença humana. O Evangelho é testemunha de atrevidas denúncias de Jesus a um sistema que condenava doentes, pobres e excluídos, ao esquecimento.
2. **Francisco denuncia duramente a cultura do descarte,** que hoje adquire dimensões mundiais. O descarte é profundamente injusto, pecado gravíssimo contra Deus, que quer vida para todos. “O

ser humano é sempre sagrado e inviolável, em qualquer situação e em cada etapa do seu desenvolvimento” *“Toda violação da dignidade pessoal do ser humano clama ao céu”*¹¹.

3. A grande crise atual é o desprezo do ser humano, relegado ao esquecimento. Existem muitos pobres; produto do desinteresse, do abuso, da busca desenfreada do bem-estar e do lucro. Existem muitas pessoas “sobrantes”.
4. **O Papa faz uma crítica frontal da “Globalização da indiferença”.** Vivemos num mundo indiferente que condena os pobres a viver “fora do sistema”. Existem, mas não podem entrar e participar das conquistas que uma minoria desfruta sem limites. Vivem descartados, sem espaço.
5. **Francisco e Calasanz adotam atitudes evangélicas frente aos pobres:**
 - a. Visualizar os pobres. Chamar a atenção sobre eles; denunciar a situação em que vivem e o esquecimento que sofrem por parte dos bem situados. Os pobres existem, são maioria, mas estão fora. É preciso chegar até eles e torná-los visíveis diante do mundo.
 - b. Abraçar a causa dos pobres. Adotar um comportamento compassivo, como Jesus: favorecer o contato pessoal, o clima afetivo e misericordioso; ir ao encontro, abraçar e deixar-se tocar por eles.
 - c. Resgatar a identidade e direitos dos pobres. Direito de ser gente, ter nome, ocupar um espaço próprio; a partir daí, ganhar autonomia e poder ser protagonistas. Os profetas denunciam, pedem reformas e tratam os pobres como pessoas e como seres queridos por Deus. Francisco e Calasanz também.
6. Francisco pede uma mudança profunda do sistema e chama a “globalizar a esperança”; vida melhor para todos, sem discriminações. Convida a realizar o mandamento do amor, não a partir de ideias, mas a partir do genuíno encontro entre pessoas. Rejeita a economia que cria exclusão e o sistema que passa por cima das pessoas. Não se pode negar a ninguém o direito a um desenvolvimento integral.
7. Recorda Francisco a comovedora **história do cego Bartimeu**, que mendigava na beira do caminho (Mc 10,46-52). Ao saber que Jesus passava pelo mesmo lugar, gritou; queria sair da cegueira. Havia muitos como ele; mas os apóstolos achavam isso “normal”. “Cale a boca e fique aí onde você está”, diziam-lhe. Jesus tinha outra sensibilidade; ouviu aquele grito diferente no meio da multidão e mandou trazer o cego diante dele.
8. Na sociedade atual continua aquela mesma atitude de “não gritem, não incomodem”. Muitos percebem a realidade, mas tentam abafar. Passam sem olhar, escutam sem ouvir e não se deixam tocar. Diz o Papa, colocando um exemplo bem concreto: *“em vez de abafar, façam uma carícia, escutem; não mandem para fora a criança que chora durante uma celebração; seu pranto é uma sublime pregação; está precisando alguém se aproximar e aprender a tratá-la de forma que o choro se acalme”*. Existe o perigo de passar pela vida sem saber escutar. Os problemas dos outros não nos tocam; parece natural que existam excluídos; como sempre foi assim, não se faz nada para mudar a situação. Temos o coração blindado; passamos pela vida sem deixar-nos tocar. Parece que queremos manter o estranho equilíbrio de “seguir o Senhor” - “sem escutar os gritos da realidade”.
9. **Uma impressionante obra de inclusão: “educação gratuita e para todos”.** Poderíamos aplicar a Calasanz uma bela expressão de Francisco: *“Uma semente de esperança semeada pacientemente nas periferias esquecidas”*. A miséria gritava desconsolada; as pessoas “passavam” e os pobres ficavam sempre “no lugar deles”. Algumas esmolas aliviavam; mas a exclusão permanecia. Calasanz buscou ajudas, mas não achou resposta; as crianças pobres teriam que permanecer sempre “jogados no caminho”. Teve a sensibilidade de Jesus e pensou: “a vida (a cultura) é para todos”. Tomou a decisão de abrir os olhos dos pobres para que pudessem incorporar-se à vida.
10. No grito da periferia (criança abandonada) Calasanz escutou dois apelos unificados: o de Deus e o da realidade. Às vezes, desde uma fé acomodada, separamos os dois lados; queremos

¹¹ EG. N 14.

definir-nos como pessoas que atendem à voz de Deus, ao mesmo tempo em que somos surdos à voz dos abandonados. A bela história do Bom Samaritano nos diz que isso não é possível. Algo não funciona quando distanciamos as duas vozes. Para Calasanz o grito da realidade revelava o apelo de Deus. Não pensou que “sempre foi assim”; sonhou que “outro mundo era possível”.

11. **Fé e Vida: “O que posso fazer por você”?** Dizemos que a espiritualidade é a dimensão religiosa de uma vida enraizada na realidade. Espiritualidade da misericórdia, que rompe barreiras e aproxima as pessoas. Diante do cego Jesus mostrou a maneira de agir: “o que posso fazer por você”? O coração misericordioso se detém; se compadece; não tem medo de aproximar-se da dor; coloca o bem do outro por cima de tudo. Essa é a espiritualidade de Jesus: passar pela vida fazendo o bem (At. 10,38); a de Calasanz também.
12. **O Papa Francisco fala constantemente da “inclusão”.** Fala de substituir a lógica do descarté pela inclusão. Os tempos atuais exigem uma profunda mudança, diz. Pedia aos Movimentos Populares, na Bolívia, em julho de 2015: *“Coragem, alegria, perseverança e paixão para continuar a semear; mais cedo ou mais tarde, veremos os frutos. Temos que ser criativos, na esperança de uma mudança profunda em benefício de todos”*.
13. O que disse aos Movimentos Populares teria sido uma palavra de incentivo para Calasanz no século XVI. Mas eram outros tempos e Calasanz teve que atuar sozinho. No Evangelho encontrou força para fundamentar a convicção que transformou seu coração. As mudanças radicais nunca vêm de cima (do poder); acontecem como fruto da conversão. No Evangelho se encontra a fonte que ilumina sempre toda ação de compromisso com os pobres, primeiros destinatários do Evangelho. Existia uma imensa dívida social em favor dos pequenos abandonados; mas então a realidade não era compreendida nesses termos. Calasanz o percebeu; e colocou ao alcance dos pequenos uma riqueza que lhes pertencia, não material (dirigida ao consumo), mas espiritual, o tesouro da educação. Percebeu o que os contemporâneos não conseguiam ver: era possível criar uma nova maneira de intervir para uma profunda mudança. Com linguagem atual, diríamos que queria um mundo novo, como expressava Francisco na Bolívia; *“uma mudança radical do sistema”*.
14. **Calasanz fomentou decididamente a “cultura da inclusão”,** quatro séculos atrás!!!. Quando se rendia culto à beleza (Renascimento), ao mesmo tempo em que se permitia com passividade a exclusão dos desfigurados. Magnificência da arte e miséria desumanizadora. Terminava a construção do Vaticano, consumindo imensas quantidades de dinheiro, e ele penava mendigando esmolas para sua escola. Com raro e lúcido discernimento percebeu que a cultura era espaço de inclusão. Então plantou no coração da Europa uma semente de transformação social: “uma escola popular e gratuita”. Educar os pobres significaria abrir-lhes os olhos para uma nova maneira de perceber-se a si mesmos e oferecer-lhes uma maneira digna de enraizar-se na vida.
15. Descobriu um horizonte transformado através da Educação; era seu caminho. Respondeu ao desafio com espírito inovador, enfrentando dificuldades, com entrega total; com uma ferramenta pouco valorizada. Chegou à percepção (surpreendente naquele momento) de que a educação seria o único caminho para dar a todos a oportunidade de ser pessoas e de estar bem inseridos na sociedade. Imprimiu em sua obra um forte dinamismo de transformação.
16. O Papa Francisco clama pela inclusão, mas diz que as novas tecnologias, por si mesmas, não são a garantia¹². Hoje convivemos com o desenvolvimento consumista e com a miséria total. O poder e a economia estão nas mãos de minorias. Sem valores que orientem o progresso tecnológico, é difícil garantir vida digna para todos. Hoje existem avanços surpreendentes, mas a brecha das diferenças se aprofunda ainda mais. O Cardeal Tagle, bem afinado com o Papa, convida a fomentar uma espiritualidade que seja capaz de criar perspectivas de mudança: *“Temos que definir uma espiritualidade que convide políticos, empresários, artistas, educadores,*

¹² LS. N 108,109.

cientistas e construtores e trabalhar pelo bem comum, respeitando a dignidade de todas as pessoas”.

17. **Buscamos uma espiritualidade mais encarnada na vida**, frente às tendências que a situam nas nuvens, ou a desvirtuam em devoções individualistas. Se necessita uma espiritualidade sensível ao sofrimento, crítica com as arbitrariedades do poder. Espiritualidade “da lama”, como expressava Dom Luciano Mendes de Almeida, no Brasil (“Senhor dos humildes” o definiam os jornais no dia de sua morte, com um reconhecimento admirado por seu compromisso com as periferias do país); com as mãos tocando a vida do irmão. Espiritualidade de “Fé e Vida”, que eduque o coração através de “projetos solidários”. A espiritualidade cristã nunca pode ser um refúgio confortável. Chamar a Deus de Pai é proclamar que o outro é irmão: “Vinde, benditos do meu Pai, porque tive fome e me destes de comer...” (Mt 25). Francisco diz que esse texto bíblico é uma das referências mais importantes da fé.
18. **São famosos os NÃO do Papa Francisco**. “Não” a uma economia de exclusão e desigualdade social; a uma economia que mata; à cultura do descartável; à globalização da indiferença; àquela postura de quem diz “isso não me incumbe, é problema dos outros” (resposta que teve que ouvir Calasanz). Vivemos, diz Francisco, uma crise antropológica profunda: negação da primazia do ser humano.
19. Calasanz enfrentou uma crise parecida. Então, através da educação, colocou na sociedade um valioso elemento integrador, capaz de eliminar a desigualdade social. Atendia prioritariamente as crianças que apresentavam “certidão de pobreza”.
20. Jesus também questionava duramente o ambiente social da época; sua maneira de atuar apontava à transformação social. Por isso, todo seguidor de Jesus se sente impulsionado a sair de sua segurança pessoal e a colocar-se frente à realidade. Mas, no tempo de Calasanz, o que poderia fazer uma pessoa sozinha frente a uma realidade tão dura? O desafio é enorme. A memória lúcida da história nos lembra, desde tempo dos profetas, que sempre surgiram pessoas que, desde a fortaleza da fé e com o impulso do Espírito, têm sido capazes de atuar de forma transformadora dentro de ambientes agressivos e indiferentes. Calasanz está nesse grupo de pessoas que não se amedrontou diante dos desafios, superiores a suas forças pessoais.
21. Existe hoje, como em tempos de Calasanz, muito sofrimento causado por um sistema que não valoriza a vida dos pequenos e dos pobres. “Globalização da indiferença”, repetitiva denúncia de Francisco. Em tempos de Calasanz o sofrimento dos pequenos era visto como algo a suportar; as coisas eram assim e a ninguém lhe era solicitado o heroísmo de enfrentar a situação; a educação não era para os pobres; aceitava-se resignadamente a injustiça de que existissem muitas pessoas privadas desse direito fundamental. Calasanz apontou uma nova sensibilidade e percepção das coisas. Aproximou-se das áreas de exclusão, partilhou o abandono dos pequenos e abriu um novo caminho para superar a desigualdade social. Colocou-se no centro do problema; viveu a pobreza, a falta de recursos, a incompreensão. Padeceu em sua própria carne o sofrimento dos pequenos; se identificou totalmente com eles; só a partir dessa opção radical é que descobriu o caminho de volta dos pequenos para o centro da vida.

9. Sem compromisso social é fé se torna vazia...

1. **O encontro com Deus não pode acontecer “desconectado” da realidade**. O mistério da encarnação está na base de todo relacionamento autêntico com Deus. A verdadeira espiritualidade tem que estar conectada a Deus e aos pobres. *“No coração de Deus ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que ele mesmo se fez pobre. O caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres”*¹³, diz Francisco.
2. Por isso, o compromisso social da Igreja não é algo secundário; é algo que pertence a sua própria natureza e missão. Não se pode viver a fé de forma autêntica sem esse compromisso

¹³ EG. N 197.

- social. A Igreja existe para evangelizar; e se Deus é amor, a linguagem que melhor evangeliza é a do amor. O amor cristão se revela em sua atuação profética; atua em favor dos pobres e clama na sociedade quando não se reconhecem nem respeitam os direitos das pessoas.
3. Francisco faz fortes denúncias sobre a maneira individualista e egoísta de viver a fé. *“Minha preocupação está relacionada com a dimensão social da evangelização...; temos o risco de desfigurar o sentido autêntico e integral da missão evangelizadora”*¹⁴. Destaca a desafiadora conexão existente entre o Evangelho e a vida das pessoas, entre o Anúncio e a Promoção social. *“O anúncio da Boa Nova possui um conteúdo inevitavelmente social. Existe íntima conexão entre evangelização e promoção humana. O projeto de Jesus é instaurar o Reino e o Reino abrange tudo, todos os homens e o homem todo. Existe uma interpelação recíproca entre o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social. A tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano...”*¹⁵. *“Uma fé autêntica comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela...; todos os cristãos são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor”*¹⁶.
 4. Defende, de forma apaixonada, a inclusão social dos pobres; reiteradamente proclama essa exigência da fé: *“Somos chamados a ser instrumento de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que eles possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo...; ficar surdos a este clamor é colocar-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto...”*¹⁷ *“Podemos acompanhar o pobre adequadamente no seu caminho de libertação, a partir de uma proximidade real e cordial. Isso tornará possível que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como em casa. Não será este estilo a maior e mais eficaz apresentação da Boa Nova do Reino?”*¹⁸ *“A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária”*¹⁹. Fala de um envolvimento total com o pobre, de participar em seus problemas e tratar de resolvê-los desde dentro. Este encontro libertador com o pobre é sinal do Reino.
 5. Desde a perspectiva de Francisco percebemos melhor a **formidável dimensão social da obra de Calasanz**, instrumento privilegiado de Deus em favor dos pequenos deserdados. Foi iniciada num momento em que não tinha nada a seu favor; podia ter sido tentativa frustrada. Só na perspectiva de quatro séculos se compreende bem seu valor. Hoje é valorizada como audaz, evangélica, profética, transformadora, revolucionária. Foi atrevido e perseverante ao empenhar toda a sua vida naquela obra no meio de tantas dificuldades. Não foi um compromisso de emergência, mas obra com projeção de futuro; nasceu do nada e contra tudo; teve “forte impacto social”.
 6. A fé alimenta um programa social e político. *“Sem isso, é uma fé carente. Uma fé que não se faz solidária é uma fé morta. É uma fé sem Cristo, sem Deus, sem irmãos”*. Deus chamou Calasanz para ser pai dos pequenos excluídos. Abrir escolas para eles tinha forte conotação social e política; um caminho de integração. Sua espiritualidade era a do profeta que vislumbra a necessidade de profundas mudanças; não é intimista; é de ampla ressonância social. A fé autêntica liberta do mal e da injustiça e sustenta a esperança de um futuro mais justo, fraterno e solidário. É a espiritualidade que percorre a Bíblia: o Espírito coloca vida na criação, incentiva a vida através dos profetas e a leva a sua plenitude através de Jesus. Deus guia sempre seu povo em direção à vida. Ajudar o irmão a viver feliz é a manifestação mais sublime e divina da espiritualidade. Não se trata apenas de rezar; é acolher o irmão nas próprias mãos.

¹⁴ EG. N 176.

¹⁵ EG. N 177,178,182.

¹⁶ EG. N 183.

¹⁷ EG. N 187.

¹⁸ EG. N 199.

¹⁹ EG. N 200

7. **Francisco chama a um câmbio radical.** Diz que esta mudança não virá dos poderosos. *“Vocês os humildes, os explorados, os excluídos, podem fazer muito. O futuro da humanidade está, em grande medida, em suas mãos. Vocês são sementes da esperança. Semeadores do câmbio”*. O caminho: substituir a globalização da indiferença pela globalização da esperança. Chama a *“uma conversão pastoral que não deixe as coisas como estão”*. Clama por uma mudança de sistema; o valor fundamental dessa mudança é a dignidade da pessoa, que deve ocupar o centro da vida e de seus investimentos. Este valor primário se fundamenta na fé em Deus Pai, criador da vida, de quem o homem e a mulher são imagem. A dignidade humana é uma transferência luminosa do rosto de Deus sobre todos os seus filhos. O evangelho de Jesus é uma permanente chamada ao amor e respeito por toda criatura, a começar pelos últimos, convocados a ocupar um lugar privilegiado nos planos de Deus. Jesus toca as “periferias” da vida e faz delas o “centro”. Os periféricos são os destinatários mais queridos da Boa Notícia.
8. **O estilo cristão está baseado na partilha.** Quando o coração de Calasanz encontrou a Deus, não precisou de mais nada; renunciou a tudo, e viveu na pobreza absoluta, para partilhar melhor sua riqueza interior. No mundo atual é difícil compreender isso; quem não tem bom celular parece ser portador de “alguma deficiência”. A educação que se norteia pelo Evangelho é para “ter menos e partilhar mais”; coloca como alicerce uma postura sóbria e solidária, pouco motivadora para o homem consumista. “Cinco pães e dois peixes” são pouca coisa, mas podem ser repartidos e, então, muda totalmente a perspectiva. Diz Francisco na Encíclica: *“Quando somos capazes de superar o individualismo torna-se possível uma mudança relevante na sociedade. A atitude básica é romper o esquema que faz tudo girar em torno de nós; partilhar e cuidar dos outros”*. É difícil sair de si, mudar os hábitos de consumo e voltar-se para os outros. Francisco convoca a um novo estilo de vida, que renove os relacionamentos consigo mesmo, com os outros e com Deus.
9. **“Entre vocês não deve ser assim”.** Jesus convida a uma atitude de serviço. Sem os valores da fé, as novas tecnologias se tornam ferramentas de dominação. O desenvolvimento das ciências e tecnologias colocou nas mãos do homem um poder extraordinário; pode ser perigoso se carecer de valores éticos e religiosos para seu correto uso. As tecnologias podem ajudar a desenvolver uma vida mais digna sobre a terra; mas colocadas em mãos sem escrúpulos se tornam instrumento de lucro e terminam fomentando mais exclusão.
10. **A lúcida percepção de Calasanz é surpreendente.** Obra de alcance universal... e gratuita. Obra que resgata e ajuda a viver. Um novo caminho contra o egoísmo que concentra tudo em poucas mãos; escola generosa que distribui cultura e vida. Fé lúcida e encarnada, “tocando pessoalmente a carne sofredora de Cristo”, como diz repetidamente Francisco.

10. A fé e a cultura são sempre revolucionárias.

1. Francisco usou essa forte expressão na visita a Equador (2015). Essas duas palavras são o centro do lema de Calasanz: “Fé e Cultura”, “Piedade e Letras”.
2. **Século XVI-XVII. Educação, privilégio de poucos.** As escolas eram insuficientes e sem recursos. Os privados da cultura perdiam a oportunidade de encontrar seu lugar na vida. Essa era a sorte (castigo social) de muitos pequenos; sem oportunidades e sem futuro.
3. **Um novo carisma.** Calasanz descobriu na educação a chamada mais profunda de sua existência; sua vocação. A educação foi um lugar sagrado para ele. Entendeu claramente sua dimensão transformadora (revolucionária, diria Francisco). Estava convencido do valor daquela obra. “Escola nova”; espaço de vida, sem fronteiras, para resgatar a identidade dos pobres, dando-lhes espaço para crescer e trabalhar. Uma nova maneira de construir Igreja, e de construir um mundo melhor. Uma revolução social. Encontrou dificuldades; chocou com um forte sistema que mantinha o conhecimento (e o poder) sob o controle dos privilegiados.

4. **Concílio Vaticano II:** *“O Concílio considera com interesse a importância decisiva da educação na vida do homem e sua influência cada vez maior no progresso social. É sublime e de suma importância a vocação daqueles que se dedicam ao ministério da educação”*²⁰.
5. **A pessoa no centro. A criança no centro.** A educação, como o Evangelho (de qual se faz portavoce entre os pequenos), tem um forte dinamismo de mudança; convoca os pobres da periferia a ocupar o centro, como fazia Jesus (encontro com o homem da mão paralisada, com o leproso...). Uma educação iluminada pela fé fomenta uma nova maneira de habitar a terra; tem como objetivo educar seguidores de Jesus que amem a vida e ajudem os outros a serem felizes; educa pessoas com perfil solidário, não apenas pessoas que acumulam o saber em suas mãos como ferramenta de dominação. Uma educação que se orienta pelos valores evangélicos “educa para a vida”; na espera de uma nova humanidade. Calasanz, através da educação, pretendia um novo estilo de vida (não queria apenas conhecimentos).
6. **O Lema de Calasanz é “Fé e Cultura”.** Esse Lema era a expressão visível do novo estilo de pessoa que queria educar. A cultura configura identidade, cultiva raízes de fidelidade com o passado, desenvolve relações pessoais respeitadas, orienta o crescimento dentro de determinado quadro de valores que são a sustentação das pessoas e dos povos. Hoje temos “letras” em abundância (conhecimentos, tecnologia...); falta suscitar nas pessoas o desejo de avançar em busca da fonte da vida e, desde Deus, aprender a viver de outra forma que fomente a convivência e a justa distribuição. É difícil fazer essa união entre “fé e cultura”; são muitos os que, frequentemente de forma agressiva, apostam por uma separação total. Assistimos a um claro confronto entre Tecnologia e Fé. Muitas pessoas apostam tudo na tecnologia; colocam fé cega nos avanços científicos, esperando deles a solução dos problemas da humanidade. Mas, no momento, apenas tecnologia não resolve; por sinal, muitas culturas morrem asfixiadas pelo avanço demolidor de novas tecnologias. O Lema de Calasanz é uma proposta capaz de trazer um pouco mais de sentido na evolução atual; a harmonia entre Fé e Cultura, equilibrada interação entre as duas partes, poderá educar uma pessoa capaz de habitar a terra de forma solidária. A dignidade plena da pessoa se sustenta nesse lema, não se desenvolve apenas na ciência e tecnologia.
7. **Francisco mantém esse binômio bem unido,** frente a uma tecnologia desligada da fonte da vida que é Deus e, por isso, capaz de destruir as raízes culturais de muitos povos. Defende uma espiritualidade que sintoniza muito bem com o lema calasanziano, tentando colocar um pouco de equilíbrio na louca corrida da ciência para dominar a terra. Francisco propicia o encontro e o diálogo entre a Fé e as Culturas. A escola de Calasanz foi espaço desse encontro. Galileu (cientista) e Campanella (filósofo) poderiam testemunhar o quanto era importante este diálogo na vida de Calasanz.

11. Educar: espaço privilegiado de evangelização.

1. *“É necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores”. “Como é grande a contribuição das escolas e das universidades católicas no mundo inteiro”. “Quando recuperamos o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão...”* Calasanz, após seu “encontro pessoal com Deus” e com a realidade das crianças esquecidas, se transformou numa fonte inesgotável de criatividade; encontrou um novo caminho, deu vida a uma obra singular, descobriu métodos educativos originais; foi uma bela construção que exigiu a dedicação de uma longa vida.

²⁰ Conc. Vat. II. Declaração GE. N 1500, 1511.

2. *“Não convém ignorar a enorme importância que tem uma cultura marcada pela fé”*²¹, diz o Papa. *“Uma cultura evangelizada contém valores de fé e solidariedade que podem provocar o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e crente”*²². Educar, desde a perspectiva da fé, é o sábio discernimento de saber colocar-se na vida de forma criativa e solidária, com um sagrado respeito pelos outros e pela criação toda; é desenvolver uma forma digna de viver e conviver, e de saber usar das coisas subordinadas ao bem das pessoas.
3. **Toda obra evangelizadora será portadora da iniciativa gratuita de Deus:** *“A salvação é obra da misericórdia de Deus, revelada em Jesus. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo o Evangelho”*²³. *“Somos chamados a dar um testemunho explícito do amor salvífico do Senhor”*²⁴. A Obra de Calasanz foi uma presença visível dessa misericórdia acolhedora de Deus. Sua pessoa foi uma proclamação do amor de Deus encarnado na vida dos pequenos. Encontrou diversas maneiras de transmitir, nas escolas, o anúncio do amor salvador de Deus; oração contínua, respeito, acolhida, acompanhamento pessoal... e, principalmente, o testemunho de sua entrega. Francisco acentua que *“Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus”*²⁵. A vida e obra de Calasanz foram essa presença de Deus entre as crianças abandonadas. Quando Francisco encoraja *“uma ação evangelizadora ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor e feita de vida contagiante...”*²⁶, podemos transferir essa bela expressão à paixão vivida por Calasanz em relação a suas crianças e a suas escolas.
4. **Sintonia entre Calasanz e Francisco.** Muitas frases da Exortação “Alegria do Evangelho” ajudam a aprofundar na experiência de fé vivida por Calasanz. Francisco convida a voltar ao Evangelho, como raiz e fundamento do seguimento de Jesus; esse Evangelho de Jesus é o que modela o coração de Calasanz. As grandes pessoas sintonizam sempre no fundamental; os séculos não são muros de separação para aqueles que aprenderam a viver desde a fé, convencidos e enamorados de Jesus, entusiasmados com a missão recebida dele; mudam as circunstâncias, mas a experiência radical e configuradora da pessoa é a mesma:
- “O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus... Cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus... ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus... A tarefa da evangelização enriquece a mente e o coração, abre-nos horizontes espirituais, torna-nos mais sensíveis para reconhecer a ação do Espírito, faz-nos sair dos nossos esquemas espirituais limitados... Esta abertura do coração é fonte de felicidade, porque a felicidade está mais em dar do que em receber”*²⁷.
 - “A missão no coração do povo não é uma parte da nossa vida, não é um apêndice ou um momento entre tantos... É algo que não se pode arrancar do nosso ser. Somos uma missão na terra. É preciso considerarmo-nos como que marcados a fogo para esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar...”*²⁸
 - “Cada ser humano é objeto da ternura infinita do Senhor; cada um é imensamente sagrado e merece o nosso afeto e a nossa dedicação. Por isso, se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida”*²⁹.

²¹ EG. N 68.

²² EG. N 68.

²³ EG. N 114.

²⁴ EG. N 121.

²⁵ EG. N 259.

²⁶ EG. N 261.

²⁷ EG. N 272.

²⁸ EG. N 273.

²⁹ EG. N 274.

- d. *“O Espírito vem em ajuda de nossa fraqueza; não há maior liberdade do que a de se deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e controlar tudo e permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e impulsione para onde ele quiser...”*³⁰
- e. Termina a “Alegria do Evangelho” com uma bela invocação a Maria, como estrela da evangelização. *“Há sempre um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja. Porque sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto”*³¹.
5. É confortador poder refletir sobre estas expressões de Francisco tendo como objetivo a figura de Calasanz, encobrindo-o com esse carinho, alegria e profissão de fé do Papa, que convoca a ser portadores, hoje e sempre, de uma Boa Notícia salvadora, que Calasanz encarnou de forma admirável no recinto pequeno e sublime de uma escolinha de periferia, que hoje é referência para muitas pessoas que também encontram na educação a vocação de sua vida. Há um estilo mariano no carisma de Calasanz, marcado pela ternura e o afeto com que a criança é acolhida e acompanhada... Sinal do Reino. A proteção de Maria nos ajuda a tornar possível o nascimento de um mundo novo, ela que é *“manancial de alegria para os pequeninos”* (com essa frase termina a oração final da Exortação).
6. **“Fé e Cultura”: referência fundamental para educar um estilo evangélico de viver.** A pedagogia de Calasanz tem alcance moral e transcendente. Vislumbra uma imagem de ser humano enriquecido pela cultura e mais ainda pela fé. Descobre o melhor caminho do desenvolvimento pessoal através do diálogo entre cultura e fé. Espiritualidade que aspira a desenvolver a plenitude da pessoa criada por Deus e chamada a partilhar sua vida plena. A educação que Calasanz propicia só termina em Deus. Uma educação que começa “desde a mais tenra idade”. Francisco, harmonizando mais uma vez com Calasanz, diz que *“uma boa educação em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida”*³².



7. **Evangelizar nos pequenos espaços de uma escola humilde.** As Escolas Pias realizaram esse sonho ao longo dos séculos, encarnando seu carisma em diversas culturas, e convocando novos “evangelizadores-educadores” para dar perpetuidade a uma obra que nasceu com perspectivas de futuro. Um Patrimônio Espiritual da Humanidade, por sua beleza e por sua bondade.
8. *“O primeiro anúncio deve desencadear um caminho de formação e amadurecimento...; a educação e a catequese estão ao serviço deste crescimento. Na boca do catequista ressoa sempre o primeiro anúncio: Jesus te ama, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”*³³. Calasanz viveu essa proposta com profunda convicção e convidou os educadores a realizar o sonho de levar as crianças ao encontro de Jesus, como o caminho mais pleno de realização pessoal.
9. **Queria os melhores educadores.** Cooperadores da Verdade. Homens de oração. Educadores que soubessem levar crianças e jovens ao encontro com Jesus; que aceitassem o trabalho como vocação; que soubessem tratar com delicadeza, acompanhar como amigos, acolher com bondade e paciência de pais. Bem preparados; promotores de vida, desde a iluminação que emana do Lema que promove Educação integral: Piedade e Letras. Queria que, ao mesmo tempo, os educadores fossem “místicos e com excelente formação humana e pedagógica”.
10. **Francisco destaca** *“a arte do acompanhamento, a proximidade”*³⁴; *“somos mensageiros alegres”*. Destaca *“a escuta, a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade*

³⁰ EG. N 280.

³¹ EG. N 288.

³² LS. N 213.

³³ EG. N 160,164.

³⁴ EG. N 169,170,171.

ao Espírito...”³⁵. Solicita evangelizadores que rezem e trabalhem; movidos pela fé, enraizados em Deus, com forte compromisso social. Sustentados no cultivo daquele espaço interior que dá sentido a toda atividade, com momentos prolongados de oração, de diálogo sincero com o Senhor; sem isso, o ardor se apaga. *“A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-lo cada vez mais”*³⁶. *“Experiência pessoal constantemente renovada, de saborear sua amizade e sua mensagem, pois uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém”*³⁷. Convoca evangelizadores generosos, comprometidos: *“Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais que nos mantêm a distância do drama humano, a fim de aceitarmos entrar em contato com a vida concreta dos outros, e conhecermos a força da ternura”*³⁸.

11. Francisco quer *“uma pedagogia que introduza a pessoa passo a passo até chegar à plena apropriação do Mistério”*³⁹. Era também o objetivo supremo da educação que Calasanz queria para suas crianças; através do testemunho do “educador escolápio”, “cooperador da Verdade”.

12. Memorial ao cardeal Tonti. Outro mundo é possível.

1. **Uma paixão:** *“O ministério da educação é o mais digno, o mais nobre, o mais louvável, o mais útil, o de maior mérito, o mais necessário, o mais benéfico, o mais natural, o mais racional, o mais grato, o mais agradável; dele depende a vida toda da pessoa; é o mais razoável por parte dos Estados, pois deveriam ser os primeiros interessados em ter cidadãos bem preparados para a vida e para o trabalho”*.
2. **Francisco:** *“No processo de evangelização temos que anunciar o que o Evangelho tem de essencial, o mais belo, mais importante, mais atraente, mais necessário. Esse núcleo fundamental é: a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus”*⁴⁰. *“Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio”*⁴¹.
3. Francisco e Calasanz se expressam com uma linguagem exuberante e apaixonada, para defender o que consideram fundamental. Um profundo desejo evangelizador move os dois. Expressam com profunda convicção o que ocupa o centro do próprio ser, o mais querido. A vocação autêntica movimenta toda uma vida e se concentra naquilo que é fundamental; uma vez definida, não aceita interferências secundárias. No final de contas o que se destaca é a beleza do amor de Deus que se manifesta em Jesus e quer levar as pessoas a sua plena realização. Francisco fala, de modo geral, da evangelização e Calasanz abraça, apaixonado, um espaço privilegiado de evangelização, a educação; através da educação, quer levar as crianças ao amor de Deus, como objetivo fundamental.
4. **Calasanz acreditava ter encontrado a melhor proposta.** Não sonhou o impossível; tornou possível o que para muitos parecia uma utopia. A educação foi a sua forma especial de responder aos desafios da realidade: educação para os pobres, e da melhor qualidade. Educação moral e cristã na base de todo o processo, dando especial destaque à catequese, (sua grande preocupação). Queria educar pessoas com perfil cristão bem definido; pessoas amadurecidas e com capacidade de inserção posterior na vida social. Foi concretizando, dia a dia, um processo educativo bem estruturado e dinâmico, tanto na dimensão religiosa quanto na

³⁵ EG. N 171.

³⁶ EG. N 264.

³⁷ EG. N 266.

³⁸ EG. N 270.

³⁹ EG. N 171.

⁴⁰ EG. N 35,36.

⁴¹ EG. N 165.

dimensão pedagógica, diferenciando conteúdos e matérias mais adequadas para cada etapa e em função da vida social posterior. Queria educadores com sólida formação cristã e competência profissional. A minuciosa programação que atendia todos esses aspectos na marcha da escola ocupa amplíssimo espaço nos seus escritos; queria que seus alunos fossem bem acompanhados durante todo o processo educativo.

5. **Paixão pelo Reino.** Quando se encontra uma razão suprema para viver, tudo se empenha em torno desse eixo fundamental: **“Por nada deste mundo abandonarei esta decisão”**. Calasanz tinha um projeto bem definido, que considerava fantástico, o melhor que podia sonhar; com ele se identificou e o defendeu com paixão. Sabia o que queria e considerava que sua opção é a melhor. Despreendeu-se de tudo e entregou a vida por um ideal, a Boa Nova de Jesus encarnada entre os pequenos; opção preferencial enraizada definitivamente no centro do coração.
6. Hoje em dia, surpreende tanta generosidade e entrega em torno de um projeto de vida, definitivo e envolvente. Hoje tudo é transitório; experimenta-se a vida em pequenas doses; predomina a dispersão, superficialidade e indefinição; as pessoas se deixam levar, por falta de solidez e estabilidade na própria identidade e nas opções mais importantes. A vida, então, se torna interminável peregrinação em busca algo que preencha o vazio interior. É difícil mudar essa tendência que arrasta as pessoas em busca da vida como objeto de consumo. A partir dessa ansiosa carreira, é difícil descobrir que a felicidade só acontece no coração humano como resultado da entrega generosa por um ideal capaz de preencher o próprio ser.
7. Diante do brilho contagiante das palavras apaixonadas de Francisco e de Calasanz, compreende-se melhor a crítica atual de Francisco contra os católicos sem brilho, apagados, carentes daquela emoção interior que ilumina a vida e lhe confere um horizonte de realização feliz. A postura apagada da fé, além de não cativar ninguém, revela a falta de vida interior. Não existe paixão, e o fogo está coberto de cinza inexpressiva; a vida, carente de graça e sem iniciativa, mostra-se incapaz de buscar algo definitivo, além dos encontros pontuais que produzem satisfação momentânea e depois se esvaziam, deixando sempre descoberto o eterno descontento de um ser que é incapaz de poder dizer “encontrei finalmente a melhor maneira de viver e ser feliz e nada poderá me afastar desta experiência radical e definitiva...”

13. Espiritualidade da Misericórdia

1. **Ano 2016. Jubileu da misericórdia.** Convocado pelo Papa Francisco, como caminho de espiritualidade que resgata a identidade de Deus, o Pai da misericórdia que abraça todo ser humano e o convida a uma vida plena em seu Filho Jesus. Este caminho leva à conversão pessoal e eclesial, para tornar nosso coração semelhante ao dele, mais generoso, aberto para a partilha e direcionado para as periferias da vida.

Jesus: rosto da misericórdia do Pai.

2. **A misericórdia define a identidade de Deus.** *“O nome de Deus é misericórdia”* (publicação do Papa Francisco). *“Na revelação bíblica a misericórdia de Deus está ligada à opção pelos pobres e pela vida. Torna-se viva, concreta, visível, na pessoa de Jesus. O amor do Pai revelado em Jesus é o ponto de partida para tudo. É clemente e misericordioso; seu coração e suas entranhas se comovem diante do sofrimento do povo”*.
3. **A misericórdia ocupa o centro do Evangelho**⁴². Jesus derrubou muitas fronteiras para ir ao encontro; fronteiras sociais para encontrar-se com pobres e mendigos; fronteiras políticas para estabelecer vínculos com estrangeiros e romanos; culturais, ao compadecer-se de prostitutas e

⁴² FRANCISCO. Bula *Vultus misericordiae*. N 25.

publicanos. Estava nas encruzilhadas da vida onde as pessoas precisam de amigos. Comovia-se diante dos doentes e do povo faminto. Acolhia com carinho as pessoas tocadas pelo sofrimento. A misericórdia inspirava sua maneira de aproximar-se dos menos reconhecidos.

4. Jesus se rodeou de gente que não tinha relevância social: pecadores, leprosos, cegos, prostitutas. E queria que aqueles excluídos pudessem recuperar a dignidade e viver melhor; gratuidade sem limites, oferecida a todos, com especial atenção afetiva para aqueles que nunca se sentiram amados. Quebrando os protocolos da lei, foi ao encontro do leproso (a miséria mais irrelevante), o abraçou e o convidou à festa da vida; e aquele contato pessoal foi capaz de transformar a vida daquele homem. Contou belas parábolas que revelavam o agir de Deus em relação à miséria humana: “O pai viu o filho de longe, correu até ele, o abraçou e mandou preparar uma grande festa”.
5. Em casa de Simão, o fariseu, se deixou tocar por uma pecadora. A linguagem mais convincente de Jesus era sua pastoral de aproximação pessoal; gestos e mãos que chegam até o outro. As pessoas se deixavam envolver pela força purificadora do seu contato pessoal, que era acompanhado de palavras animadoras. A misericórdia de Deus revelada em Jesus era bem concreta, manifestada em atos visíveis e palpáveis. O Reino que Jesus anunciava era o abraço do Pai tocando de perto as debilidades humanas.
6. **A grande revolução religiosa levada a cabo por Jesus** consistiu em ter aberto à humanidade uma via profana de acesso a Deus (fora dos padrões clericais ligados ao tempo e aos rituais da época), através da relação com o próximo. O que salva é o amor aos pequenos; é sair ao encontro da vida e nela descobrir o verdadeiro espaço de encontro com Deus. Nem sempre o caminho que conduz a Deus passa pelo templo e pela religião. Encontra-se com Deus aquele que se abre à necessidade do irmão e o ajuda; o caminho decisivo é abraçar com misericórdia a realidade sofredora e dar acolhida ao pobre que não encontra abrigo num mundo indiferente. Jesus passou pela vida assim, fazendo o bem, pé no chão, sem privilégios.
7. **“Sede misericordiosos como o Pai”**. Sendo a misericórdia o rosto do Pai, entende-se bem que Jesus convidasse a ser como Ele. A misericórdia do Pai é fonte de nossa alegria. Somos convidados a ser a revelação samaritana desse rosto, a circular pela vida de forma solidária, ajudando a criar uma convivência fraterna melhor, oferecendo às pessoas a oportunidade de viver dignamente. O fio condutor de muitos Salmos revela a necessidade de ter um coração misericordioso e compassivo, tecido de ternura e benevolência, parecido ao coração de Deus.
8. **Ser cristão é passar pela vida “amando como Ele amou”**. Este amor exige um caminho de purificação permanente para não deixar entrar no coração outros valores. Pede Francisco para ser vigilantes e não fazer girar tudo em torno de nós; o convite cristão tem outro endereço: ir ao encontro das periferias e viver com misericórdia; ser compassivos como o Pai (Lc 6,36).

Para Francisco, Deus é MISERICÓRDIA.

9. **É seu nome, sua identidade.** Convida a uma vivência forte e transformadora da misericórdia de Deus, fonte primeira da alegria e da graça. Convidava a celebrar um Jubileu que destacasse a misericórdia como essência do Evangelho, e levasse a um processo de conversão. Outras coisas poderiam ficar em segundo lugar. É tempo de despertar a capacidade de ver o essencial; colocar no centro o que é específico da fé cristã: “o Deus misericordioso e o convite a ser como Ele”.
10. A descoberta de Deus como “Pai de misericórdia” muda nosso relacionamento com ele e com as criaturas. A misericórdia será a melhor maneira de definir a identidade de um filho/a. O Ano Jubilar ajudará a contemplar melhor os dramas do mundo e a sacudir posturas acomodadas; para que a Igreja não seja um espaço de poder, mas casa de acolhida, solidariedade e misericórdia; Igreja samaritana. Um ano para os pobres; para colocar em evidência a tragédia da fome, a exploração das massas deserdadas; para lançar ao mundo um forte apelo a cuidar de outra forma a casa comum.

11. **Francisco fez da Misericórdia a chave de seu pontificado.** Pedra angular do seu pensamento e trabalho; coloca-a no ponto mais alto da primazia dos valores cristãos, no centro do anúncio do Evangelho. Quer recuperar o rosto misericordioso de Deus na catequese e na pastoral, frente a velhas tradições que o apresentaram como juiz severo e controlador. Ele mesmo é uma revolução da Misericórdia: abraça doentes, pessoas com deficiências, anciãos, migrantes. Seu coração se mostra particularmente próximo dos que sofrem. Frente à dura realidade da vida, responde com a pastoral do abraço; mas, ao mesmo tempo, clama duramente por uma mudança radical do sistema que domina o mundo de forma insensível. Seu rosto paterno e acolhedor mostra o amor paciente e generoso de Deus.
12. O termo misericórdia está formado por duas palavras: miséria e coração. Misericórdia é o amor (o coração) que abraça a miséria humana, que se inclina sobre as chagas do irmão, oferece ternura e resgata da opressão a quem sofre.
13. Francisco convida a deixar entrar em nós a misericórdia de Deus; é Pai que perdoa e ama; sempre de braços abertos para acolher e perdoar. A Alegria do Evangelho convida a colocar-se no núcleo desse amor misericordioso, a experimentar seu poder salvador, a deixar-se amar gratuitamente; a continuar a missão de Jesus, para tornar a presença de Deus mais manifesta no mundo atual que carece dessa delicada atenção pelos que estão excluídos da vida.
14. Quer uma Igreja misericordiosa, samaritana e compassiva, que se deixe comover diante da vida maltratada; que vá ao encontro dos que sofrem, como mãe e amiga, portadora de palavras consoladoras; Igreja que impulse o respeito à vida, a defesa dos pequenos, a criação de um mundo onde haja espaço para todos. A misericórdia tem que ser traço característico do ser e agir da Igreja. O que se diz e o modo de expressá-lo, cada palavra e cada gesto, devem revelar a ternura de Deus para todos.
15. **“Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.** Pede Francisco para fazer circular a misericórdia na sociedade: *“o amor se concretiza no serviço humilde, feito no silêncio e no escondido”*. *“A religião cristã é concreta, atua fazendo o bem, não é religião de hipocrisia e vaidade; existem muitos cristãos fingidos que fazem de sua pertença à Igreja algo que não lhes compromete, um motivo de prestígio em vez de ser um serviço aos mais pobres”*. No final da vida nos perguntará: “o que vocês fizeram por mim”? (Mt 25).
16. **Francisco quer olhar o mundo desde esta perspectiva**. Situa a Igreja no seu lugar evangélico, entre os marginalizados. A história bíblica está narrada desde a perspectiva da gratuidade, da misericórdia; Jesus é o ícone da misericórdia do Pai no meio dos excluídos. A misericórdia introduz na vida uma nova dinâmica de fé, em sintonia com Jesus, solidária com as terríveis exclusões que acontecem. É o eixo central que oferece consistência a nossa vocação cristã e orienta nossa atuação no mundo; orienta todas as iniciativas evangelizadoras.
17. A encíclica “Laudato si” evidencia o desejo do Papa por sintonizar com os grandes desafios da humanidade. Abre uma nova etapa para a Igreja, solidária com o destino da casa comum.

Igreja misericordiosa.

18. A misericórdia é a viga principal que sustenta a vida da Igreja. Não tem nada mais importante. Tem que ser, prioritariamente, fiel a Jesus, a seu estilo misericordioso.
19. As consequências práticas são imensas: situar a misericórdia como assunto central da vida cristã, como herança sagrada de Jesus e mandamento central de nossa fé; estar mais perto dos pobres; lutar por uma justiça que permita vida melhor a todos, sem tantas desigualdades; adotar um estilo de vida simples e próximo dos outros; e, principalmente, mudar nossa imagem de Deus, que não é o juiz que infunde medo, mas Pai que acolhe a todos em seu amor.
20. Diz Francisco que, para conseguir este olhar misericordioso e para atuar desde a compaixão, *“a Igreja precisa uma revolução de afeto e ternura”*. Neste momento da história, é preciso confiar no poder do afeto e da ternura. Para isso, Francisco convida a deixar-se tocar por Deus; a viver a experiência de ser amados; essa é a experiência transformadora.

21. Quer uma Igreja misericordiosa, que se comova diante do sofrimento e saia em direção das periferias; Igreja pobre e para os pobres. O Espírito do Senhor, que preparou e acompanhou a vida e obra de Jesus, nos impulsiona a sermos misericordiosos como Jesus e como o Pai.
22. **O que pedia o Ano Santo?** Que prolonguemos a infinita misericórdia de Deus revelada em Jesus. Isso é o mais importante; é o mais belo e necessário, porque vivemos num mundo frio, que divide e enfrenta; indiferente. Dizia Madre Teresa: *“A doença que padece o mundo, a enfermidade principal do homem, não é a pobreza ou a guerra, é a falta de amor, porque tem esclerose no coração; um coração de pedra”*.
23. **A principal missão da Igreja** é proclamar e introduzir na vida o mistério da misericórdia. Podemos fazer muitas coisas; podemos e devemos orar, ensinar, evangelizar; celebrar a eucaristia, jejuar, ler a Bíblia. Mas se tudo isso não leva o selo da misericórdia, se não nasce e se alimenta da misericórdia, se não se reveste e banha de amor, tudo será irrelevante e vazio.
24. Francisco destaca a força política do amor (além do seu rosto de caridade/compaixão), como empenho para erradicar do mundo o que faz a pessoa sofrer e viver sem dignidade. Mais do que “dar esmolas” o empenho da Igreja é facilitar o futuro dos que querem viver, aprender, estudar...; ser ponte de diálogo entre todos os que querem trabalhar pela justiça e por um mundo transformado.

Coração misericordioso de Calasanz e das Escolas Pias

25. O Papa Francisco, ao convocar o Ano da Misericórdia, pedia em primeiro lugar *“que cada um de nós se deixe tocar e abraçar pela misericórdia do Pai”*. Calasanz viveu da experiência da misericórdia do Pai principalmente na última etapa da vida, ao sentir na própria pele a dor da obra destruída. A misericórdia de Deus é eterna, como repete o salmo 118: “Seu amor é para sempre”. Em Deus encontrou consolo nos momentos de prova e debilidade, com a certeza de que Deus nunca o abandonaria.
26. Desde o momento de sua opção definitiva, manifestava sempre uma singular força interior, vivendo no serviço aos pequenos, porque é assim que encontrou definitivamente o verdadeiro caminho para o encontro com Deus. O amor dinamiza a pessoa, unificando-a em torno de um ideal atrativo, e dinamiza também a missão que realiza. Vivendo esse amor, Calasanz cresceu como pessoa e se desdobrou como educador; libertou-se do passado e encontrou outro horizonte em sua vida. Pelo caminho eclesiástico poderia ter alcançado o sucesso; mas não teria a alegria de ser o pai dos pequenos pobres, experiência que justifica toda uma vida.
27. *“Deus vem ao nosso encontro como um pai a um filho”* diz Francisco. *“Deus nunca se esquece de nós. O amor do Pai é o da misericórdia, que se oferece a todos”*. A misericórdia é o amor visceral do Pai que se comove no mais profundo de suas entranhas pelos filhos; provém do mais íntimo como sentimento natural, feito de ternura e compaixão. *“Ter um Pai assim transmite esperança, dá confiança”*. A misericórdia do Pai atuou no interior de Calasanz e o preparou para amar, para encarnar sua misericórdia no espaço familiar de uma escola, como serviço humilde.
28. Calasanz fundou uma Ordem Clerical, mas... “Clérigos pobres da Mãe de Deus a serviço dos humildes”, através de um ministério considerado como periférico. Clérigos convidados a viver no desprendimento, a abaixar-se para “lavar os pés” dos pequenos. Calasanz convidava os clérigos a serem servidores humildes; atrevida ousadia: “ser clérigo e ser humilde” pareciam duas palavras de difícil combinação em tempos de Calasanz; pelo menos olhando para o campo da educação.
29. **A vocação escolápia exige a superação do clericalismo**, porque exige renunciar a muitas aspirações humanamente justificadas, para poder abraçar o que é pequeno. A grande virada na vida de Calasanz aconteceu quando compreendeu que suas aspirações, de perfil eclesiástico (busca de segurança e status dentro da Igreja), não eram o caminho, e que Deus o chamava por outro diferente: a defesa dos pequenos, “a causa de sua vida”. “Encontrei a melhor maneira

de servir a Deus...” As outras buscas perderam-se no tempo. Esse amor simples e transparente é o caminho que leva ao coração de Deus; a “via eclesial” perdeu valor.

30. **A escola foi o lugar do encontro.** Os “encontros” são frequentes na Bíblia. Jesus provocava encontros; deixava-se encontrar e partilhava com os humildes a refeição e a conversa familiar; aqueles encontros terminavam em festa (parábola do Pai Misericordioso e outras narrações). Calasanz era aquele pai da comovedora parábola, abraçando os pequenos que todo dia solicitavam espaço “naquela escola/casa paterna”; abraço, beijo, veste nova e festa; festa da “fé e da cultura”.
31. **A educação tem a força de resgatar identidades apagadas.** *“A misericórdia restaura a pessoa e restitui sua dignidade; o abraço da misericórdia, o fato de sentir-se amado, muda a vida”*, diz o Papa Francisco. É isso que fazia a escola de Calasanz. Educação para a vida, para a convivência, para o bom entendimento... Quantas crianças e jovens, ao longo da história, têm encontrado nesse abraço paterno a origem de uma vida transformada.
32. **A escola foi o templo de uma nova religiosidade** que dava glória a Deus através da educação; educar uma criança pobre era o incenso agradável que subia até o rosto de Deus. A escola de Calasanz é o salão da festa do final da parábola do Pai misericordioso; lugar de acolhida e de alegria; o filho perdido e sem rumo encontra, nesse espaço, um abraço e uma casa. A cara fechada do filho mais velho poderia representar o rosto tenso dos que não contemplavam com agrado a obra de Calasanz... porque aquelas crianças da rua “não mereciam aquele favor”.
33. A misericórdia exige abaixar-se, entrar na vida cotidiana das pessoas, tocar a carne sofredora de Cristo. Exige um profundo olhar de amor, que descobre capacidades e estimula caminhos de crescimento. “A glória de Deus é a vida dos filhos”, diziam os Padres antigos da Igreja; então, a escola, que fomenta e cuida da vida, é o templo onde damos glória a Deus, porque é nesse espaço humilde que cuidamos dos seus filhos e filhas. **Educar é uma sublime liturgia.**
34. Jesus foi passando do espaço ocupado pela religiosidade oficial (sinagoga, templo, lei...) para o espaço ordinário da vida, que é de todos, onde acontecem as coisas de cada dia; é no meio dessa vida ordinária que ele foi manifestando sua misericórdia. A rua, a aldeia, a casa dos amigos... foram o templo de Jesus, o lugar onde derramou sua misericórdia.
35. Os profetas reclamavam da religiosidade de palavras vazias. “Eu quero misericórdia, não sacrifícios (rituais do culto)”, dizia Oséias. “Não existe um verdadeiro culto se não se traduz em serviço ao próximo”. Calasanz escreveu um belo capítulo do “Evangelho da misericórdia”, levando a ternura e o consolo de Deus aos pequenos. Sua escola foi verdadeiramente uma obra de misericórdia (“ensinar ao que não sabe”). Isso ficou gravado para sempre no Lema das Escolas Pias: “Piedade e Letras”, “Fé e Cultura”. Com outras palavras: Evangelizar educando.

Um amor contracorrente.

36. **Jesus, Francisco e Calasanz** suscitaram oposição e críticas; colocaram em movimento algo que incomodava. O carro que circula encontra resistência no ar que está parado. Santos e profetas são provocativos, pessoas atrevidas e movidas pelo Espírito. Pentecostes é vento, fogo, reviravolta. A força do Espírito sacode de vez em quando a Igreja (parada?) de forma desafiadora; mas “o novo”, frequentemente, tem que abrir caminho com muito esforço e oposição.
37. **A proposta de Calasanz foi obra do Espírito**; espiritualidade criativa, de confronto, arriscada. E não saiu ileso da batalha, como era de se esperar; saiu quebrado, ferido de morte; mas abriu caminho, e o impulso de sua obra já não foi detido mais. “Se esse projeto é de origem humana, será destruído; mas, se vem de Deus, não conseguirão aniquilá-lo”, diz Gamaliel no Sinédrio (At 5,34-39). Algo parecido se poderia aplicar a Calasanz. Ir contracorrente será sinal de uma educação libertadora, que não se deixará prender pelas redes do sistema; uma educação

domesticada e submissa está morta. Quando a educação goza de uma saudável liberdade, é capaz de resgatar a identidade das pessoas; isso mexe com o poder.

38. **A partir de sua opção radical, foi sempre para frente.** Sua obra avançou rapidamente. Não era iniciativa pacata, de pouco alcance; pelo contrário, apontava muito longe; *“a educação e a fé são revolucionárias”*. A espiritualidade de Calasanz é atrevida. Mas ele não partiu de grandes teorias educativas; partiu, como Francisco, da pastoral do abraço, da proximidade contagiante, do contato direto e pessoal com os pequenos. Tendo como referência a criança carente que o contemplava com olhos arregalados, foi construindo seu sistema educativo. Iniciou colocando seu olhar no rosto da criança que, abandonada nas ruas inóspitas de Roma, pedia cobertura em sua escola. Usando uma expressão significativa de Francisco se poderia dizer que aquela escola de Calasanz, na Roma renascentista, era similar ao *“hospital de campanha que atende as feridas dos abandonados”* (é assim que deseja ver hoje a Igreja diante do sofrimento).
39. Quando Calasanz deixou o palácio Colonna e foi morar perto das crianças, aconteceu algo profundamente significativo: mudou seu perfil de “teólogo” (do cardeal e seus familiares) para o de “pastor” (pai das crianças pobres). Na proximidade das crianças Calasanz *“cheirava melhor suas ovelhas”* (linguagem de Francisco); desta forma foi modelando seu coração de pai-pastor.
40. A espiritualidade de Calasanz tem um perfil generoso, amigo, próximo; sem grandes discursos, ao lado dos pequenos nos passos repetitivos de cada dia. Espiritualidade tingida de calor humano; e de letras... Espiritualidade da Misericórdia que coloca o outro no centro da atenção. Calasanz não se enamorou de ideias ou planos educativos; se enamorou de crianças muito limitadas. É isso que o define e lhe confere perfil tão especial. “Pai das crianças pobres” é uma definição simples, profunda e significativa.
41. Talvez Calasanz não foi consciente, desde a nossa perspectiva atual, da projeção de futuro que tem a educação de qualidade. Ele iniciou uma obra que, naquele momento, considerou da maior importância para resgatar os meninos que encontrava na rua; sabia o que queria e respondia a desafios concretos da época. Talvez sem prever o amplo futuro da obra, foi profeta ao plantar no meio da sociedade uma proposta educativa de grande transcendência; descobriu a educação como pilar fundamental de uma sociedade moderna. Depois daquele momento inicial, tão criativo e profético, corresponde a cada época saber educar as pessoas no momento em que vivem; em cada época as perguntas e os desafios são diferentes.

Maria, rosto materno e misericordioso de Deus.

42. Com Maria a Igreja aprende a ser mãe e a velar incansavelmente por todos os filhos/as.
43. Maria, Mãe, é o ícone da misericórdia que leva ao encontro de Jesus. A exortação “Alegria do Evangelho” fala do estilo mariano da evangelização, centrado na revolução da misericórdia, da ternura e do carinho (EG 288). Maria é a mãe que está junto a seus filhos; partilha a história de cada povo; derrama sem cessar a proximidade do amor de Deus.
44. Calasanz teve, desde pequeno, uma grande devoção a Maria; aprendeu a rezar o terço em sua família; costume que perdurou ao longo de sua vida. Em Roma, celebrou a Eucaristia muitas vezes no altar de Nossa Senhora da Paz, na Basílica Santa Maria a Maior. Visitava com frequência o santuário da “Madonna dei Monti”, a imagem mais venerada popularmente em Roma; e foi lá que, diante da imagem, tomou a decisão fundamental de entregar sua vida à educação das crianças pobres. Queria que nunca faltasse a oração diária a Maria, na vida pessoal dos escolápios e nas escolas. Costumava dizer: *“santa coisa é introduzir a devoção a Maria”*. Sob a proteção dela colocou suas escolas, que ele considerava “uma obra de Maria”. Ela está no coração do nome completo que define os escolápios: *“Pobres da Mãe de Deus e das Escolas Pias”*.

14. Passou pela vida fazendo o bem, como Jesus (At.10,38).

1. **Uma chamada à conversão.** Diz Francisco que *“os desertos exteriores (falando do cuidado do planeta) se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornaram muito amplos”*; lança um apelo à conversão interior⁴³. Alguns cristãos são passivos; *“não deixam emergir todas as consequências do encontro com Jesus; ficam no lugar onde estão, não mudam; falta conversão que impulse um compromisso em favor da vida, como consequência de sua fé”*.
2. Francisco convida a explicitar a dimensão social da conversão, permitindo que a força e a luz da graça recebida se estendam também à relação com a criação inteira. Esta nova relação com todos os seres é “dimensão da conversão integral da pessoa”.
3. **A espiritualidade solidária de Calasanz despertou sua paixão pelo cuidado do pequeno.** A paternidade que viveu com as crianças foi a dimensão externa de sua conversão; comunhão de vida que se manifestou em muitos detalhes de cada dia e que o pintor Goya (educado na escola de Calasanz) imortalizou no quadro *“Última comunhão de Calasanz”*, imagem sublime que transmite sua profunda experiência de encontro com Deus e com as crianças. Espiritualidade encarnada; com o coração em Deus e os pés no chão; que sabe fazer uma leitura evangélica da realidade e se compromete em processos de mudança; que supera medos, vence egoísmos e assume atitudes críticas. Essa espiritualidade de forte interação entre “Fé e Vida” se tornou o eixo da sua existência. Espiritualidade atenta à Palavra e à realidade. Tenra e solidária. Firme nas tempestades; sempre agradecida. Longe de uma espiritualidade opaca, sem brilho, que busca apenas o consolo pessoal, com um olhar indiferente sobre a vida de cada dia.
4. **A opção pela pobreza liberta o coração. Pobre para os pequenos-pobres.** A espiritualidade cristã (Encíclica de Francisco) propõe viver na sobriedade e na capacidade de se alegrar com pouco. A acumulação do consumo distrai o coração e o impede de dar o devido apreço às pequenas coisas e de alegrar-se com elas. Vivida livre e conscientemente, a sobriedade é libertadora. Não se trata de menos vida, nem de vida de baixa qualidade; é o contrário. Fala Francisco de desenvolver *“uma humildade sadia e uma sobriedade feliz”*⁴⁴. Em Calasanz descobrimos uma generosa renúncia que o levou ao desprendimento total. Na pobreza descobriu os verdadeiros tesouros de sua vida: Deus e as crianças. Hoje em dia a sobriedade e a humildade, tão apreciadas por Calasanz, não gozam de positiva consideração. Calasanz viveu humilde e pobre, mas com uma paz interior que ninguém pode tirar. Teve o dom de saber contemplar a Deus, não na grandeza do Vaticano, que estava na fase final, mas no rosto suplicante das crianças pobres.
5. **Viveu sua experiência de fé com disponibilidade total;** fez de si uma oferta gratuita para o bem dos outros, mesmo quando viu sua obra destruída; morreu “crucificado”, mas reafirmando sua entrega e sua confiança na providência de Deus. Deixou-se tocar pela graça e pela realidade. Descobriu sua maneira especial de estar no mundo: habitando paternalmente os generosos espaços de uma escola para os mais pobres. Foi uma resposta ousada e criativa diante de uma sociedade que discriminava.
6. **O amor é social e político** (Francisco destaca essa expressão: “amor social”). Manifesta-se em toda ação encaminhada à construção de um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são uma forma eminente de caridade. O “amor social” é a chave para o desenvolvimento autêntico. Para tornar a sociedade mais humana, é necessário revalorizar o amor na vida social (plano político, econômico, cultural), fazendo dele a norma constante e suprema do agir. O amor social incentiva à “cultura do cuidado”. *“Quando alguém se sente chamado por Deus para intervir juntamente com os outros nestas dinâmicas sociais, deve lembrar-se que isto faz parte da sua espiritualidade”*⁴⁵.

⁴³ LS. N 217.

⁴⁴ LS. N 244.

⁴⁵ LS. N 231.

7. *“Sejam significativos, não tenham medo de mudar as coisas; não as deixem como estão”* (JMJ do Rio). Jesus incomodou por onde passava; era um grito em favor da vida. Proclamava o Reino, principalmente com o testemunho de sua vida; suas palavras confirmavam o que vivia. Os grandes mestres se comunicam com gestos significativos. Francisco se comunica, intensa e vivamente, com gestos. Acrescenta, depois, as palavras, com uma linguagem transparente que todos podem entender; e suas palavras têm credibilidade porque confirmam sua maneira de viver. Francisco de Assis, tão presente na vida do Papa, dizia aos religiosos: “Evangelizai, se for necessário, também com palavras”. A primeira palavra é o testemunho da vida.
8. **Confiança inabalável.** Calasanz colocou uma semente de instabilidade naquela sociedade; mexeu nas colunas que a sustentavam; por isso incomodou, porque apontava para mudanças radicais. Foram extremamente dolorosos seus últimos dias. Quando os inimigos pareciam anular o esforço de tantos anos, Calasanz convidou seus religiosos a confiar na providência de Deus. “O Senhor me deu, o Senhor me tirou, bendito seja”. Manteve uma confiança inabalável. A alegria e a paz do Senhor se experimentam na debilidade; quando tudo vai desaparecendo, resta apenas uma profissão de confiança. Durante muitos anos Deus foi modelando sua figura serena, fiel, perseverante, feliz; pobre de coisas, rica de Deus. Depois de ter experimentado muito sofrimento e incompreensão, terminou sem perder a calma, sem perder a paz, porque sua confiança estava em Deus..., e nas mãos dele entregou sua vida. Deixava em herança uma revolução social em andamento: a educação, a melhor forma de passar pela vida.

15. Os misteriosos caminhos do seguimento do Crucificado.

1. O Evangelho de Lucas ajuda a compreender, pedagogicamente, o caminho do seguimento; diferencia claramente duas etapas, que de alguma forma, aconteceram na vida de Calasanz.
2. **Primeira:** Jesus andava pelos caminhos da vida fazendo o bem, tocando o sofrimento dos humildes. Com suas palavras e seu comportamento despertava para a fraternidade, misericórdia, compaixão; queria tornar o coração das pessoas mais compreensivo, sensível e fraterno. As multidões se alegraram com aquela presença animadora. Mas Jesus foi deixando aparecer em alguns momentos com mais força a sua radical novidade, para além do espaço amável de convivência que criava a cada passo com sua delicada atenção aos mais carentes. Muitas palavras e atitudes o começavam a colocar contrarrente; falava de amar os inimigos, proclamava a felicidade dos pobres, convidava a ser misericordiosos como o Pai... Queria ir longe...
3. Calasanz viveu essa primeira etapa, principalmente nos primeiros anos de contato com a realidade de Roma; deixando-se tocar pela miséria que contemplava, participando em várias Confrarias, ajudando pobres e peregrinos... Era pessoa generosa, que se deixava tocar pela miséria... Ainda vivia no palácio Colonna, mas estava germinando em seu coração a decisão radical.
4. **Segunda:** Num momento determinado as palavras de Jesus se tornaram exigentes: “quem não abandona tudo não pode ser meu discípulo; quem não perde sua vida não é digno de mim...”. Dedicou especial atenção à formação dos discípulos, convidando ao desprendimento, ao abandono total nas mãos do Pai; e apareceu o Mistério da Cruz no horizonte. Foi um choque duro; os discípulos sentiram medo diante do desafio de seguir a Jesus com todas as consequências; a tentação de voltar atrás se fez presente. As palavras de Jesus se tornaram desafiadoras, solicitando uma decisão radical: deixar tudo e encontrar o sentido da vida na doação total.
5. **Calasanz viveu esse processo durante muitos anos**, mas principalmente na etapa final. Foi um processo sofrido que o enfrentou, sem perder a paz, a duras contrariedades que fizeram dele uma segunda versão do Jó paciente, de fé inquebrantável. Viveu a experiência da cruz. Foi nessa etapa que se manifestou mais claramente a presença de Deus que o acompanhava em

todo momento. O mistério da cruz é misteriosa manifestação da profundidade do amor de Deus; um amor sem limites, que sustenta quando aparentemente tudo termina em fracasso.

6. **O momento do desprendimento total foi doloroso**, experiência de rejeição e destruição do projeto de seus sonhos. Sua fé, fortalecida na dificuldade, proclamou serenamente que Deus o acompanhava na amargura; nele depositou a esperança de que algo novo surgiria do aparente abandono. Morreu com a esperança de um futuro transformado, contra toda esperança humana: “é preciso manter o espírito firme, com a esperança no auxílio de Deus...”. A presença de Deus transmitiu paz a seu coração ancião, quando não restava mais nada. Em vez de deixar escapar a reclamação espontânea que brota de todo coração aflito (por que tudo isto, Senhor?), fez uma bela profissão de fé que condensava a entrega total de sua vida: “apesar de ter perdido tudo, bendito seja o nome do Senhor”. Terminou, não com resignação passiva, mas com a fé de quem aprende a colocar tudo desde a perspectiva de Deus: “sejam perseverantes e verão acontecer a salvação de Deus...”. A maturidade espiritual de Calasanz o levou a compreender que o aparente fracasso pode ter um sentido que, misteriosamente, só em Deus se esclarece.
7. A fidelidade serena de Calasanz revelava a presença de Deus em seu coração. O que, na perspectiva humana, parecia fracasso, foi um momento transfigurado que iluminou a vida de um homem que se entregou totalmente. Tinha 91 anos. Não tendo mais nada, sendo-lhe negado o humano consolo do reconhecimento de sua obra transformadora, Calasanz descobriu, na radicalidade da fé, que o único apoio e rumo definitivo da vida é Deus. E nele descansou.
8. A contemplação desses anos dolorosos é iluminadora para a vivência vocacional do escolápio. Ao dedicar-se à nobre missão da educação, o escolápio sabe desde o princípio que precisará identificar-se muito com Jesus e com Calasanz para aprender a viver desde a fé, sem deixar-se iludir com algum tipo de reconhecimento humano; isso, com razão especial neste caso, porque a educação é um processo lento, cujos frutos não cabe planejar com expectativa de sucesso. A entrega do escolápio está enraizada na sua identificação com Jesus que passou pela vida educando as pessoas para que pudessem recuperar a identidade e viver confiadamente como filhos e filhas do Pai.
9. **Meditar assiduamente a Paixão e Morte de Jesus**. Calasanz queria que a imagem de Jesus Crucificado estivesse sempre presente na memória e na oração dos escolápios. Foi nessa meditação que ele encontrou sustentação para sua entrega, contemplando a manifestação suprema do amor de Deus na doação total do Filho. Era ciente de que a missão educativa é, frequentemente, silenciosa e sacrificada. Só uma fé amadurecida pode sustentar de forma alegre e feliz uma missão que exige desprendimento fora do comum. A disponibilidade do escolápio para servir os pequenos será uma característica essencial de sua espiritualidade; entrega gratuita, feliz, confiante, vivida como graça no meio dos desconfortos de cada dia. Seguir a Jesus do jeito de Calasanz leva o escolápio a viver a fé no meio da entrega diária, que o desgasta. É feliz nessa doação, para que os pequenos encontrem o caminho da vida, desdobre-se no amor-serviço de mil maneiras, renúncia a compensações humanamente justificáveis, alimenta uma permanente compaixão pelos pequenos excluídos... Estas virtudes, pouco valorizadas no mundo atual, sustentam o horizonte de fé do escolápio, fazendo de sua vocação uma manifestação da misericórdia do Pai pelos últimos.
10. O escolápio trabalha com etapas da vida em que tudo acontece em agitada transformação, configurando lentamente uma identidade que, às vezes, custa para se firmar no meio de um ambiente pouco favorável. O desafio é viver generosamente mesmo quando não se vislumbra um retorno agradecido. Amar como Jesus amou, sentir como Jesus sentia... (como canta a melodia do Pe. Zezinho). Só por causa da identificação com Jesus é que o escolápio pode viver sua vocação com paixão; configura progressivamente sua vida à de Jesus (capítulo segundo das Constituições). Por causa disso, torna-se pobre e humilde; é condição para viver a plenitude do Reino entre os pequenos. “É Cristo que vive em mim”, como diz Paulo. Processo lento, exigente, vivendo a existência como vocação, desde o campo da educação, com disponibilidade

total; o mundo investe em outros valores. A vocação escolápia é uma paixão que tem que ser cultivada todo dia, no contato com a Palavra, na meditação da Paixão do Senhor.

11. Calasanz viveu um dilema radical entre aspirações que, inicialmente, achava condicentes com seu currículo e o encontro pessoal com Jesus que transformou sua vida e o levou a fazer-se servidor dos insignificantes. Só a graça Espírito pode levar a bom termo esse processo de identificação; graça pedida humildemente na oração de cada dia. Nos vaivéns da vida aparecem muitas circunstâncias que colocam à prova a entrega inicial; é nelas que se vai consolidando o enraizamento na fonte primeira que é a comunhão com Deus.

16. Vida transfigurada.

1. **A Cruz** (entrega, paixão pelo evangelho e pelo outro, pobreza por opção, serviço desinteressado...) **leva a Ressurreição**. Quando tudo parecia acabado, Deus permaneceu fiel ao fiel Calasanz. A alegria do Ressuscitado voltou para suas escolas, trazendo luz e esperança de futuro, e se espalhou por muitos lugares, como a Boa Notícia que se espalhou por todo o mundo após a Ressurreição de Jesus. Vida para muitos ao longo dos tempos.
2. O mistério do Crucificado é um escândalo, dizia Paulo. É difícil compreender o amor de Deus manifestando-se de forma tão radical. Jesus foi preparando os discípulos para a compreensão da cruz; mas eles custaram entender, não entrava em suas perspectivas de futuro. Jesus os foi preparando para identificar-se gradativamente com ele; mesmo assim, no momento final, ficou sozinho, durante um tempo silencioso, quando a escuridão e a dúvida se apoderaram de seu inquieto coração.
3. É possível seguir a Jesus amarrados a nossas pequenas seguranças, sem arriscar? Só depois de ter alcançado certo grau de maturidade na fé se pode entender um pouco melhor o mistério da Cruz e aceitar a mensagem de que a entrega total tem sentido. A tentação de encontrar “uma via de seguimento confortável” está sempre presente; o ambiente oferece uma perspectiva amena de vida feliz que não é compatível com o caminho traçado por Jesus.
4. O caminho de Jesus se revela como Vida transfigurada. O amor do Pai se revelou radicalmente na entrega e humilhação de Jesus; grande mistério, fora da compreensão humana. O momento mais escuro da vida de Jesus se tornou o mais glorioso, a mais sublime manifestação do rosto misericordioso do Pai (Evangelho de São João). Calasanz percorreu esse caminho do seguimento, crescendo progressivamente na maturidade da fé, até apagar-se pessoalmente em sua entrega para os pequenos. Então, a luz brilhou.
5. Deus é o último destino de nossos passos. Só por causa dele é que tem sentido a entrega total. A ressurreição surge como fruto de ter amado e servido como Jesus, sem limites. Viver desde essa perspectiva ilumina o percurso. Sem perspectiva de futuro, todas as viagens são cansativas. Se a cruz é manifestação do amor salvador do Pai, aquele que se entrega generosamente como Jesus se deixará também envolver plenamente na vida do Pai. Nele, que ressuscitou Jesus porque haver vivido amando, se encontra o sentido e a realização plena de todos os nossos afanes.
6. Espiritualidade é o caminho que nos leva a essa identificação com Jesus, processo nunca terminado; vivendo totalmente nas mãos do Pai e deixando-se conduzir por seu Espírito. Até o encontro pleno e definitivo. Calasanz fez a experiência do seguimento radical de Jesus e se converteu em palavra evangélica oferecida aos pequenos. Dessa forma sublime, como em Jesus, se manifestou nele também a glória de Deus. Ser educadores, na escola de Calasanz, é muito mais do que ser bons profissionais da educação.
7. Não foi Calasanz apenas um homem singular que criou uma obra também singular, de grande alcance social e transformador. Não somos gratos a ele apenas por sua obra, que merece reconhecimento universal. Somos gratos a Deus por ter sido Calasanz uma Palavra de vida, eco

da Palavra e da Vida de Jesus, um abraço acolhedor dos pequenos prediletos do Pai, uma pessoa de fé que se deixou conduzir e modelar delicadamente (mas de forma sofrida) pelo Espírito de Deus.



ÍNDICE

1. Objetivos desta reflexão.	02
2. O que entendemos por Espiritualidade?	02
3. Primeiras etapas.	04
<hr/>	
4. “Encontrei o centro e sentido da vida...”	06
5. Dúvidas sobre uma fé que não alcança o coração; apenas a periferia...	07
<hr/>	
6. Igreja em saída. Ao encontro de Deus na realidade da vida.	10
7. Os pobres, destinatários privilegiados do Evangelho.	12
<hr/>	
8. Desafio da inclusão e convivência frente à cultura do descarte.	14
9. Sem compromisso social a fé se torna vazia...	18
<hr/>	
10. A fé e a cultura são sempre revolucionárias.	19
11. Educar: espaço privilegiado de evangelização.	21
12. Memorial ao cardeal Tonti. Outro mundo é possível.	23
13. Espiritualidade da Misericórdia	24
<hr/>	
14. Passou pela vida fazendo o bem, como Jesus (At.10,38).	30
15. Os misteriosos caminhos do seguimento do Crucificado	31
16. Vida transfigurada.	33